

transbordar o habitar

**A Praça Grécia como potencializadora
de diferentes realidades sociais**

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação 2

Transbordar o habitar

**A Praça Grécia como potencializadora de
diferentes realidades sociais**

Mariana Mendes von Paumgarten

Orientadoras:
Maini de Oliveira Perpétuo
Maria Paula Gonçalves Lysandro de Albernaz

julho de 2021

sumário

01

apresentação

- .1 apresentação 4
- .2 justificativa 6
- .3 objetivos 7
 - .1 geral
 - .2 específico
- .4 metodologia 7

02

objeto

- .1 a cruzada são sebastião
 - .1 contexto histórico 8
 - .2 situação atual 12
- .2 as áreas livres
 - .1 o público e o privado 15
 - .2 os muros 17
 - .3 a extensão da casa: o corredor 18
 - .4 a rua fechada 20
 - .5 a praça grécia 22
- .3 aproximação teórica 26

03

ensaio projetual

- .1 cenário atual:
 - . transbordar o habitar para espaço coletivo 28
- .2 proposta:
 - . transbordar o habitar para a praça 33
- .3 abordagem projetual 35
- .4 cenários possíveis 36
- .5 estruturação espacial e funcional 46
- .6 plano de massas 48

04

referências bibliográficas

59



01

apresentação

O trabalho tem como tema central as interações e barreiras que ocorrem nos espaços livres públicos urbanos, especificamente naqueles inseridos entre diferentes realidades sociais, e como tais espaços podem atuar na promoção de espaços coletivos, com caráter participativo e democrático.

Entende-se o espaço público como o espaço em que a sociedade partilha sua cultura e valores a partir do convívio com a diversidade e a troca entre os diferentes grupos sociais. Apesar do potencial de integração do espaço livre, pode-se afirmar que muitos deles se tornam espaços inóspitos, com baixa urbanidade e a segregação presente (AGUIAR, 2018).

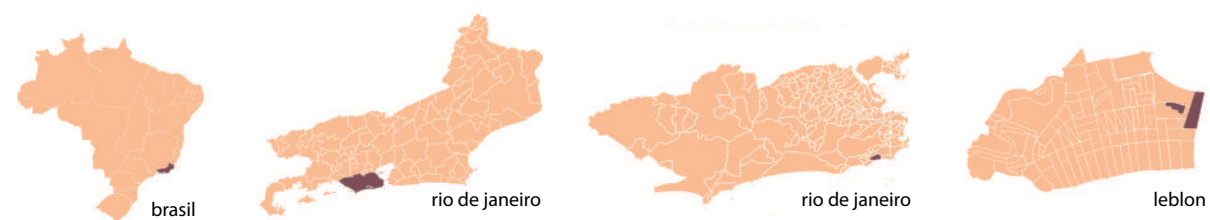
No contexto das cidades brasileiras, e, em especial, na cidade do Rio de Janeiro, ao menos teoricamente, os espaços livres públicos promovem a coexistência de diversos atores sociais. Contudo, na prática, o que se observa é que muitos desses atores não interagem entre si e frequentemente as camadas menos favorecidas ocupam uma posição de proximidade e invisibilidade perante as classes dominantes (OLIVEIRA, 2011).

[1] Conjunto habitacional Cruzada São Sebastião e a Lagoa Rodrigo de Freitas ao fundo

Para explorar tais questões, a proposta tem como objeto de análise a Praça Grécia e a Rua Humberto de Campos, localizadas no Leblon, e suas inter-relações com o bairro e, em particular, com o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião.

O conjunto habitacional foi construído na década de 1950 por iniciativa de Dom Hélder Câmara, com o objetivo de abrigar parte da população da favela da Praia do Pinto, que se situava no Leblon. A Cruzada São Sebastião apresenta um enorme contraste socioeconômico com o contexto urbano do bairro. Essa distância social resulta na falta de apropriação pelos moradores do conjunto das áreas livres existentes no restante do bairro. Assim, a Praça Grécia, que se localiza em frente à Cruzada, se apresenta como um dos poucos locais em que ocorre - mesmo que parcialmente - tal apropriação.

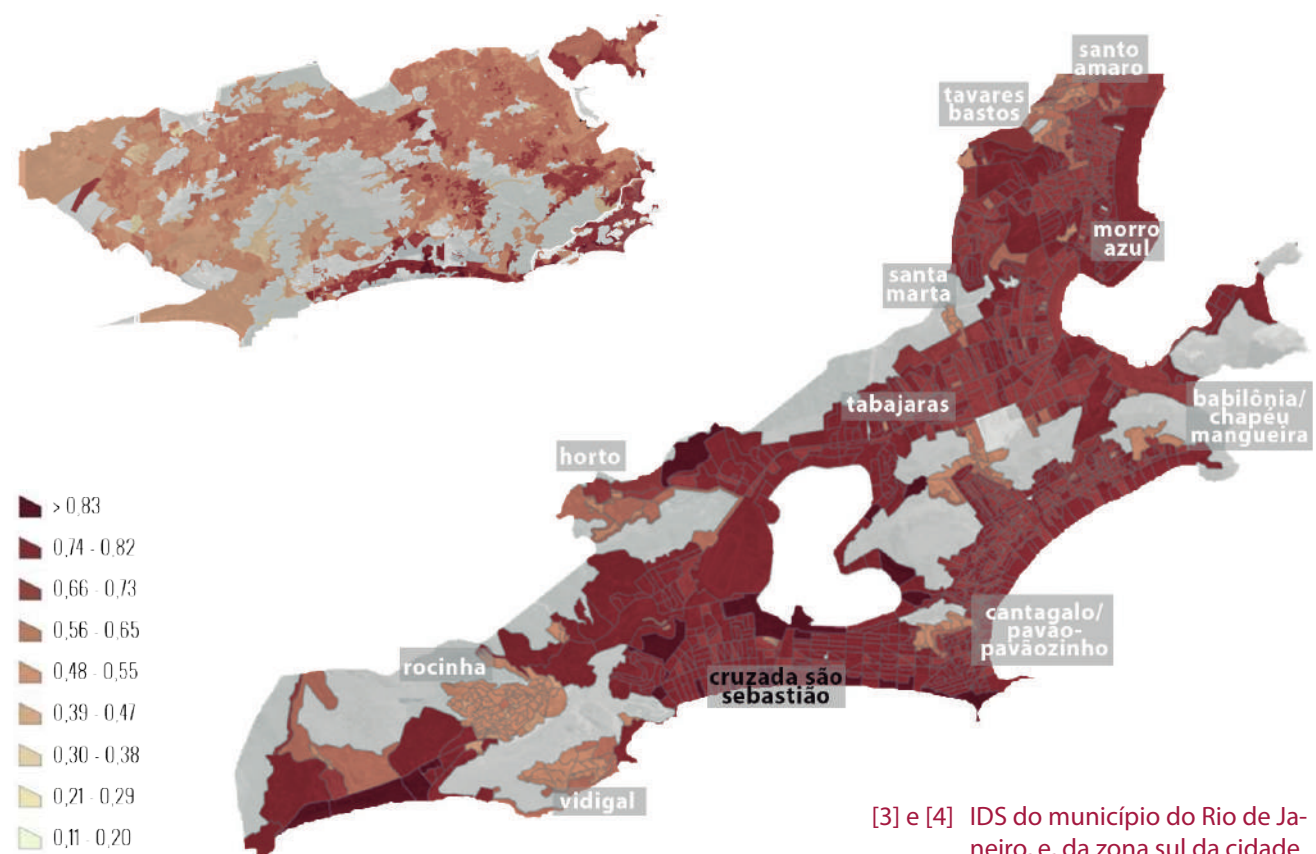
Dessa maneira, o projeto visa promover a requalificação da praça e da rua Humberto de Campos a partir do seu entendimento como espaços de apropriação coletiva e de convivência entre diferentes atores sociais.



[2] mapa autoral com base no google maps

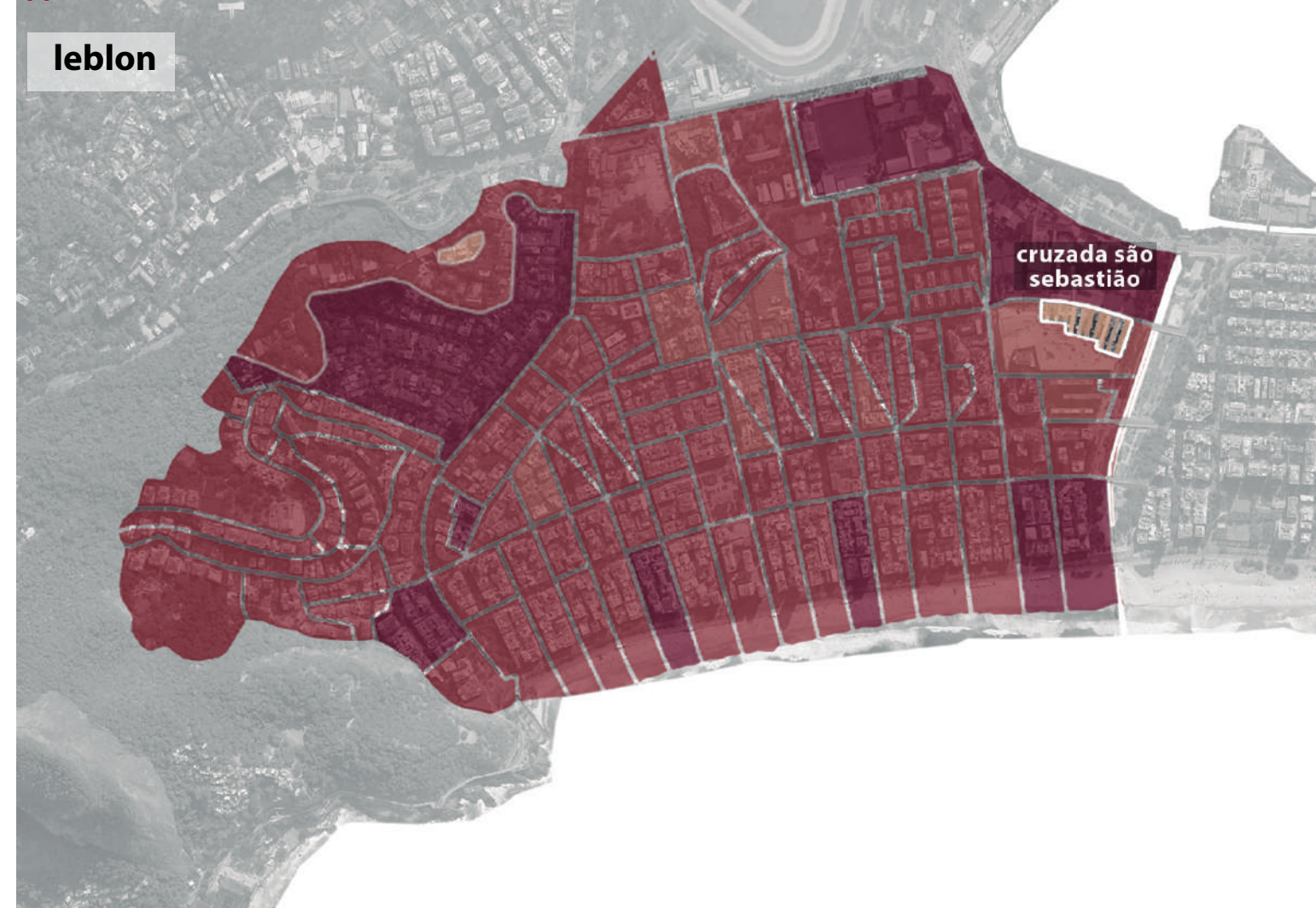
.2 justificativa

A cidade do Rio de Janeiro apresenta uma desigualdade socioeconômica que também é expressa espacialmente. Ao analisar o Índice de Desenvolvimento Social (IDS), que leva em consideração questões relacionadas ao saneamento básico, qualidade habitacional, escolaridade e renda, pode-se observar que a população com os maiores índices de desenvolvimento se concentra principalmente na Zona Sul e na Zona Oeste do município. Porém, essa concentração não ocorre de forma homogênea nessas zonas, com a presença de espaços segregados e com menores índices em relação ao seu contexto urbano imediato, com destaque para as favelas.



[3] e [4] IDS do município do Rio de Janeiro, e, da zona sul da cidade

[5] IDS do bairro do Leblon



índice de desenvolvimento social

- % de domicílios ligados à rede geral de distribuição de água;
- % de domicílios ligados à rede geral de esgoto ou pluvial;
- % de domicílios com coleta de lixo adequada;
- Número médio de banheiros por morador
- % de analfabetismo de moradores
- Rendimento médio do responsável pelo domicílio em SM;
- % de domicílios particulares, com rendimento do responsável até 2 SM;
- % de domicílios particu-

Quando observamos o bairro do Leblon, situado na Zona Sul da cidade, nota-se que o sistema de segregação é reproduzido com a presença do conjunto habitacional da Cruzada São Sebastião. Enquanto o Leblon apresenta um dos maiores IDS da cidade, com 0,78, a Cruzada São Sebastião destoa com 0,61.

Um dos indicadores do índice que evidencia tal disparidade é o rendimento médio do responsável de domicílio, pois a Cruzada apresenta 2 salários mínimos em contraposição a 23 salários mínimo do restante do bairro. Outro indicador importante é a média de banheiros por morador, enquanto a Cruzada São Sebastião apresenta uma média de 6 moradores por banheiro na habitação, a média do bairro é de 2 moradores por banheiro. Diante de tais dados, nota-se a diferença do modo de vida dos moradores do conjunto habitacional com o contexto urbano do restante do bairro em que está inserido.

O conjunto habitacional que foi construído para tentar solucionar

a problemática da favela nunca foi entendido como parte integrante do bairro, sendo invisibilizado e marginalizado. Apesar de apresentar ampla variedade de espaços livres, muitos são de domínio privado ou possuem acesso controlado, que impõem barreiras e limitam seu uso. Assim, se faz necessário questionar a produção do espaço excludente e procurar dar maior visibilidade à parcela da população marginalizada, promovendo o direito e acesso à cidade através de espaços que promovam a sua representatividade, com o reconhecimento de sua identidade e envolvimento da comunidade no espaço.

Assim, é necessário compreender o espaço como um acúmulo desigual de tempos (SANTOS, 2004), sendo o espaço resultante de processos sociais e um reflexo da própria sociedade e dos seus modos de produção. Nesse sentido, para compreender a situação atual da Cruzada São Sebastião em relação ao bairro, analisa-se a seguir a sua história, atrelada a história do Leblon.

.3 objetivos

geral

O projeto pretende qualificar e potencializar a apropriação coletiva dos espaços livres nas proximidades do conjunto Cruzada São Sebastião, desde a Rua Humberto de Campos até a Praça Grécia, no Jardim de Alah.

específicos

- Identificar e explorar as potencialidades das atividades existentes do cotidiano do habitante do conjunto, preservando-as e espacializando-as;
- Ampliar o senso de comunidade e a apropriação para além da Cruzada São Sebastião, compreendendo as diferentes áreas livres e integrando-as com a cidade;
- Propor um local de visibilidade e identidade, a partir do resgate à memória da Cruzada São Sebastião, oriunda da Praia do Pinto;

.4 metodologia

O estudo se iniciou com a análise da problemática da desigualdade e segregação social na escala de cidade (Rio de Janeiro), região de planejamento (Zona Sul) e bairro (Leblon), identificando o contraste da Cruzada São Sebastião com o bairro, a partir da análise do Índice de Desenvolvimento Social (IBGE 2010). Para analisar tal disparidade, foi realizada uma contextualização histórica relacionando o conjunto habitacional e as transformações urbanas ocorridas no Leblon. Em seguida, foram feitas análises gráficas que evidenciaram o problema refletido nos espaços livres, com a compreensão de seus domínios, limites e apropriações.

Foram feitas visitas à campo, com entrevistas à 3 moradores: Franco, de 29 anos, morador do bloco 6, nascido no conjunto e a família residente desde o início do conjunto, estudante de doutorado em sociologia urbana; Eurenice, de 66 anos, moradora do bloco 1, primeira geração de moradores e trabalhou como doméstica para famílias do Leblon; e Glaucia, moradora desde 2017 do Bloco 1, de São Carlos, SP, e mudou-se para a Cruzada após ter casado com um morador do conjunto.

Foi feita uma pesquisa bibliográfica dentro dos campos de estudo de áreas livres, espaços cotidianos e produção social do espaço.

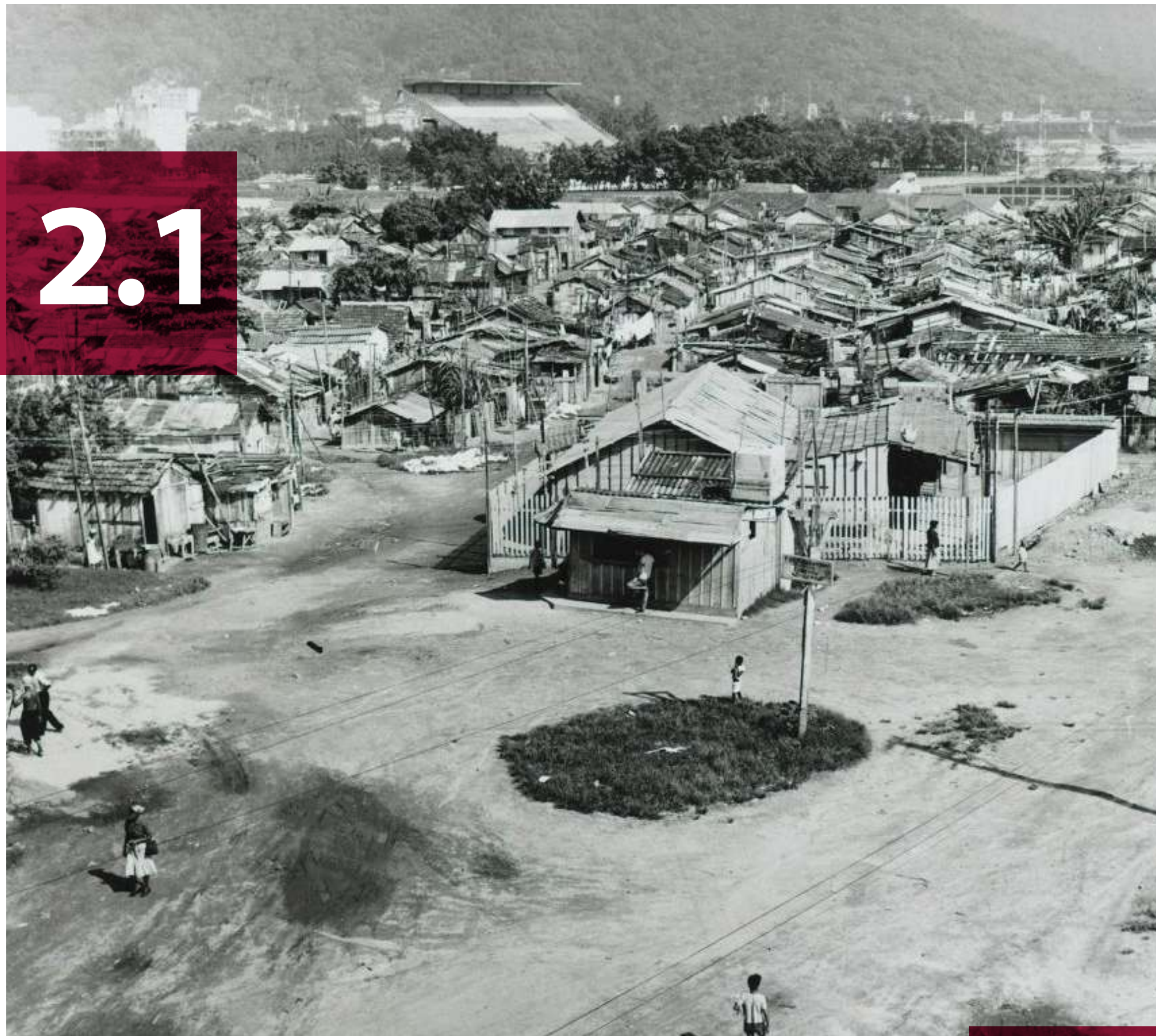
a cruzada são sebastião

2.1

.1 contexto histórico

A favela, desde a década de 1930, passa a ser vista pelo poder público como um problema à urbanidade da cidade e, na tentativa de “solucionar o problema”, iniciam-se os processos de remoção das favelas e construção de habitações proletárias para abrigar seus moradores. Segundo Burgos (2003), o morador da favela, não é considerado como possuidor de direitos da cidade, mas como “almas necessitadas de uma pedagogia civilizatória” (p.27), resultando em soluções que se distanciam dos direitos sociais e que ocorrem de maneira autoritária e a partir de mecanismos de controle. Isso ocorre desde a seleção de moradores, que precisam de atestado de bons antecedentes para conseguir moradia nos conjuntos, até seu cotidiano, com a obrigatoriedade da participação em sessões de lições e moral.

Nessa perspectiva foram construídos três parques proletários entre 1941 e 1943 na cidade do Rio de Janeiro, localizados na Gávea, Leblon e Cajú, com a promessa de serem habitações provisórias e que os moradores poderiam retornar às suas áreas de origem, após serem urbanizadas (Valla, 1984). Contudo, a precariedade das instalações e a pedagogia civilizatória autoritária resultou na organização dos moradores das comunidades como forma de resistência ao plano de remoção das favelas para os parques proletários. (Fortuna & Fortuna, 1974).



Dessa maneira, os habitantes das favela passaram a ter pela primeira vez um envolvimento político, despertando temor nos setores conservadores em torno da proliferação das ideias comunistas, conhecido posteriormente pelo slogan “é necessário subir o morro antes que os comunistas desçam” (LIMA, 1989).

Nesse contexto, é criada a Fundação Leão XIII, em 1946, pela Arquidiocese do Rio de Janeiro em parceria com a prefeitura, destinada à “assistência material e moral dos habitantes dos morros e favelas do Rio de Janeiro” (VALLA,1984) em contraposição à pedagogia populista do Estado Novo, oferecendo a cristianização das massas.

A Igreja passa a fazer a interlocução entre as comunidades e o Estado, com o objetivo de enfraquecer o engajamento político conquistado anteriormente, e oferecendo a cristianização das massas. A Fundação Leão XII chegou a atuar em 34 favelas, de 1947 a 1954, implantando serviços de saneamento básico, como água, esgoto, luz e rede viárias, possuindo centros sociais nas oitos maiores favelas da cidade, sendo uma delas, na Praia do Pinto, que será aprofundado posteriormente no trabalho.

Na década de 1950, a participação política das comunidades se fortalece com o surgimento de lideranças vinculadas com partidos e, ao mesmo tempo, o capital cultural das favelas passa a ser valorizado, com a aproximação dos moradores das favelas e dos segmentos intelectuais da classe média (BURGOS,2003).

Com o fortalecimento da identidade da favela fora dos domínios da Igreja e do Estado, é criada em 1955 a iniciativa Cruzada São Sebastião, e em 1956 é criado o Serfha - Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-higiênicas, que “procuravam articular o controle político à uma pauta mínima de direitos sociais referentes a problemas de infraestrutura” (BURGOS,2003. p.30).

Assim, foi fundada a associação católica denominada Cruzada São Sebastião, sob liderança do arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, após o 36º Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro A iniciativa tinha como objetivo “urbanizar” as favelas da cidade, ao longo de 12 anos, e, na prática pretendia

promover a remoção das favelas e a construção de conjuntos habitacionais sob a pedagogia cristã (SLOB, 2002).

A idealização, e posterior construção do conjunto habitacional Cruzada São Sebastião a partir de 1955 se deu nesse contexto mais amplo, para abrigar parte da população oriunda da favela da Praia do Pinto, sendo o primeiro projeto de habitação nas proximidades da própria favela. A favela da Praia do Pinto teve sua origem em 1910 no Leblon, um bairro até então ocupado por chácaras e cabanas, localizada próximo a Lagoa Rodrigo de Freitas e ao canal do Jardim de Alah. Sua ocupação era composta majoritariamente por operários das obras do Jockey Clube e pescadores. (SILVA, 2017).

“A favela estava situada em um bairro em pleno crescimento, onde a especulação imobiliária crescia a cada dia. O conjunto de favelas alcançou seu auge de crescimento nos anos 30 e 40, por causa da construção do Jockey Clube e do boom do mercado de bens imobiliários no Leblon nos anos 20, o qual gerara muitos empregos na construção civil. Além do mais, a extensão da linha de ônibus Jardim-Leblon até a Lagoa Rodrigo de Freitas fez com que os moradores das três favelas pudessem trabalhar em quase todos os lugares da Zona Sul.” (SLOB, 2002, p.59).

O primeiro empreendimento da Cruzada São Sebastião foi a construção do conjunto habitacional de mesmo nome, no Leblon, iniciada em novembro de 1955. O objetivo era realocar parte dos moradores da favela da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas, que se localizava às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde atualmente é o clube Caiçaras, dentro dos moldes da igreja católica sob 4 pilares fundamentais: moradia digna, fé, educação e assistência social. Dessa maneira, o conjunto conta com 10 blocos residenciais, uma igreja, uma escola e um centro paroquial com serviços assistencialistas.

O terreno em que foi construído o conjunto se localizava próximo à comunidade e era de propriedade da prefeitura, onde servia de depósito de entulho das construções vizinhas, e foi disponibilizado a partir de um contrato de cessão para a iniciativa católica.



[7] Canteiro de obras - 09/12/1955



[8] Mulheres indo buscar água com os primeiros blocos já construídos ao fundo -12/01/1957

Em janeiro de 1957, foi inaugurado o primeiro bloco do conjunto, composto por apartamentos conjugados de 15m². O projeto previa a construção de 10 blocos residenciais de 7 andares, uma igreja, uma escola, um centro social e um mercado. Com um total de 910 apartamentos, com apartamentos de conjugados a 02 quartos, entre 15 e 36m². Os moradores passaram por um processo de seleção, feito pela Fundação Leão XIII, órgão católico que , que deveria seguir determinadas condições, como:

residir a família na favela pelo menos há quatro anos (época do último levantamento feito); ser realmente pobre, isto é, impossibilitada de alugar ou adquirir morada fora da favela; estar legalmente constituída, ou, pelo menos, enquadrada na moral natural e com alguma prole; não possuir membros marginais. (SLOB, 2002:78)

Os moradores das favelas da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas que não foram selecionados, foram realocados para conjuntos habitacionais construídos pela Cohab (Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara), localizados em regiões distantes do centro da cidade, sendo eles: Cidade Alta, em Cordovil, Nova Holanda, em Bonsucesso, e Cidade de Deus em Jacarepaguá.

Em 1962, foram finalizadas as construções da Cruzada, com a inauguração dos três últimos blocos do conjunto. Apesar da transferência de moradores da favela da Praia do Pinto para os conjuntos habitacionais, a favela resistiu até 1969, quando houve um incêndio que deixou mais de 5.000 pessoas desabrigadas. Dois anos após o incêndio, foi construído o condomínio Selva de Pedra¹ no terreno em que se localizava a favela. O conjunto residencial era voltado para a classe média, em especial para servidores públicos, e composta por 40 prédios residenciais.

¹Selva de Pedra é o nome informal dado pelos moradores ao condomínio de edifícios de classe média e média-alta localizado no Leblon. O nome foi inspirado na telenovela "Selva de Pedra", exibida na Rede Globo de Televisão na época de sua construção, onde o título se referia ao ambiente caótico da cidade. Sendo assim, sua denominação é pejorativa e estigmatizante, onde, até hoje, os preços dos apartamentos se encontram inferiores se comparados ao restante do bairro. (FERNANDES, 1987)



LAGOA SEM FAVELA EM MARÇO

Começa a 15 de março o despejo da favela da Praia do Pinto. Na foto aérea a grande área a ser desocupada está assinalada, juntamente com a Ilha das Dragas, já desimpedida, e com o Morro do Banião, onde cinquenta e quatro famílias residem em cinquenta barracos. A Catacumba também será despejada. (Agostinho Rita, na terceira página)



[9] Vista da Favela da Praia do Pinto na década de 1960; [10] notícia do jornal Última Hora, em março de 1969, sobre o despejo da favela, dois meses antes de ocorrer o incêndio; [11] Moradora com criança no colo com seus pertences após o incêndio, 11/05/1969. [12] Incêndio da favela da Praia do Pinto .

O Leblon foi se consolidando como bairro de perfil socioeconômico de classe média alta e passando por um processo de verticalização das edificações e aumento da oferta de comércio e serviços no bairro. Uma exemplificação é a construção do Rio Design Leblon em 1985, pois foi o primeiro shopping da cidade voltado para decoração, possuindo um público alvo com alto poder aquisitivo.

Em 1996, o bairro faz parte do projeto Rio Cidade, promovido pela prefeitura, na administração do prefeito Cesar Maia (1996-1996), que visava intervenções em áreas de uso predominantemente comerciais. O projeto do Leblon fez parte da primeira fase de implantação e voltou-se para questões relacionadas à modernização do bairro, teve como diretrizes o reordenamento do trânsito, ampliação das áreas de pedestres e a criação de uma identidade plástica do bairro, com a proposta de novo mobiliário urbano, iluminação pública e desenho de piso. Segundo Márcio Oliveira, o projeto na cidade resultou no aumento do controle social do espaço, exercido pela força policial sobre o comércio ambulante e a população em situação de rua, restringindo o exercício de cidadania para determinados grupos sociais.

Dez anos mais tarde, foi construído o Shopping Leblon, localizado na antiga pedreira que foi implodida ao lado da Cruzada São Sebastião. O empreendimento - um dos shoppings mais caros da cidade - valorizou o mercado imobiliário da região e reforçou a classe econômica do bairro.

No ano de 2010, foi iniciada a expansão do metrô, com o projeto da Linha 4, que liga a estação final General Osório, em Ipanema, com a Barra da Tijuca, na zona oeste, com duas estações no Leblon: Jardim de Alah e Antero de Quental. Por causa das obras, algumas das principais vias do bairro foram interditadas e foram feitas modificações na circulação de veículos e pedestres no bairro. A Rua Humberto de Campos sofreu a Operação Choque de Ordem para aumentar o fluxo de automóveis, sendo retirados os trailers e o ferro velho, e, em sua continuação, foi construída a ponte que cruza o Jardim de Alah e faz ligação com Ipanema.

A implantação do metrô acarretou em opiniões divergentes, com a insatisfação de parte dos moradores e comerciantes que temiam a queda de movimento com o fechamento da Avenida Ataulfo de Paiva e com a mudança do tráfego do bairro. Na matéria, também foi relatado que os moradores da Cruzada São Sebastião também se mostram insatisfeitos em relação à mudança de trânsito na rua de acesso ao conjunto.

“Dentro da Cruzada São Sebastião, a maioria dos moradores é contra a mudança de trânsito, apesar de admitirem o progresso e futuros benefícios trazidos por uma estação de metrô a ser instalada a poucas dezenas de metros da comunidade. A instalação de uma grade isolando a calçada da rua, tradicionalmente utilizada pelos pedestres por ter pouco movimento; a retirada das lombadas ("quebra-molas") e o aumento provável de tráfego está causando rebuliço na comunidade. Hoje, enquanto "Trilhos do Rio" fazia essas fotos, presenciou uma pequena discussão entre um morador e um operário que estava instalando as grades. O motivo: o espaço de acesso à rua ficou estreito, impossibilitando a passagem dos carrinhos de carga chamados "burros-sem-rabo", utilizado por este morador.” (TRILHOS DO RIO, 2012)

Outra questão foi a implantação do canteiro de obras na Praça Grécia, no Jardim de Alah, que será analisado posteriormente no trabalho, pois o espaço livre que era ocupado por crianças, desportistas e trabalhadores passou a ser interditado e não houve um projeto de requalificação após as obras. Em 2016 é inaugurado as estações do metrô, as vias são restauradas e a praça Almirante Saldanha Gama, que também compõe o Jardim de Alah, é revitalizada.



[13] Projeto Rio Cidade na esquina da Av. Ataulfo de Paiva com Av. Afrânio de Melo



[14] Operação Choque de Ordem na Rua Humberto de Campos

.2 situação atual

A Cruzada São Sebastião foi construída com o intuito de solucionar a favelização, que era vista como um dos principais problemas da cidade na época, sendo um dos poucos empreendimentos de habitação social próximos à centralidade e da própria favela de origem.

Porém, o conjunto habitacional sofreu resistência pelos moradores em todo seu processo, desde antes da construção do conjunto e sendo refletido até os dias atuais. Os clubes Associação Atlética Banco do Brasil, Monte Líbano e Paissandú argumentavam “que o bairro se transformaria rapidamente numa favela”, enquanto os moradores dos prédios vizinhos à Cruzada, no final de 1970, realizavam campanhas pedindo a transferência dos habitantes do conjunto sob o pretexto do aumento da criminalidade no bairro.

A Sociedade dos Amigos da Lagoa Rodrigo de Freitas em 1978 organizou uma campanha para conscientizar o governo da necessidade de remover os quase cinco mil moradores da Cruzada São Sebastião, no Jardim de Alá, para outro local. Segundo o então presidente da Sociedade, Celso Azambuja, não era justo que o governo gastasse dinheiro com obras de urbanização e conservação e deixasse que uma “favela permanecesse ali (SLOB, 2002, p.115)



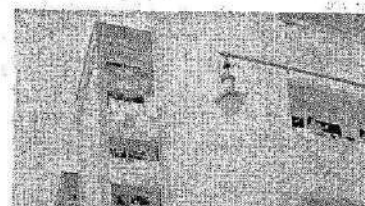
[15] Cruzada São Sebastião

São 886 apartamentos, 835 ocupados pelos proprietários

O cadastramento feito pela Polícia na Cruzada São Sebastião, no Leblon, chegou a resultados surpreendentes. Exemplos: dos 987 homens em idade ativa que lá moram, 881 trabalham e 55 estão aposentados. Dos 939 menores entre 10 e 18 anos, 781 estudam e 99 trabalham. Mesmo assim, o documento policial conclui propondo a remoção dos que lá residem, com a desapropriação dos apartamentos: são 886, dos quais 835 ocupados pelos proprietários.

Delegado pede a remoção dos moradores da Cruzada

A DELEGACIA de Vigilância-Sul, com base no cadastramento geral dos moradores da Cruzada São Sebastião no Leblon, encaminhava ontem à Superintendência de Polícia Judiciária, sob sua intermediação junto ao Governo do Estado para que seja efetuada a desapropriação dos dez blocos que formam o conjunto habitacional.



EXCLUSIVO
Em 17 anos, a desagregação

Não pode haver melhor vizinhança do que uma feita a rua de Leblon

O Globo (1974)

Batida de seis horas na Cruzada leva à delegacia 62 adultos e 40 menores

Em batida que durou mais de seis horas, com revista em todos os 840 apartamentos, onde moram 3 mil pessoas, a Delegacia de Vigilância Sul de hoje ontem 62 adultos e 40 menores na Cruzada São Sebastião. Dos adultos oito ficaram presos e seis processados por vadiagem. Os menores foram todos procurados na delegacia pelos pais.

Na Cruzada São Sebastião moram os marginais que cometem 70% dos crimes na Z. Sul

Jornal do Brasil (1973)

Jornal do Brasil (1974)

As reportagens de jornais na década de 1970, reforçam a estigmatização dos moradores da comunidade, aos quais eram atribuídos os altos índices de criminalidade do bairro.

Já as reportagens mais recentes, nota-se que a Cruzada ainda é vista como um enclave dentro do Leblon, com a maior parte das matérias voltadas à sua ligação com o tráfico de drogas e sua "pobreza".

Pobreza em endereço nobre na Zona Sul

Cruzada São Sebastião completa 50 anos no coração do Leblon

Elenice Bottari

• São pelo menos três endereços oficiais: Avenida Borges de Medeiros, 699, Rua Humberto

fra-estrutura, escola, creche. Vários serviços sociais e um vestibular próprio. Trata-se de um conjunto de baixa renda — diz o padre Marcos Belizário Ferreira.

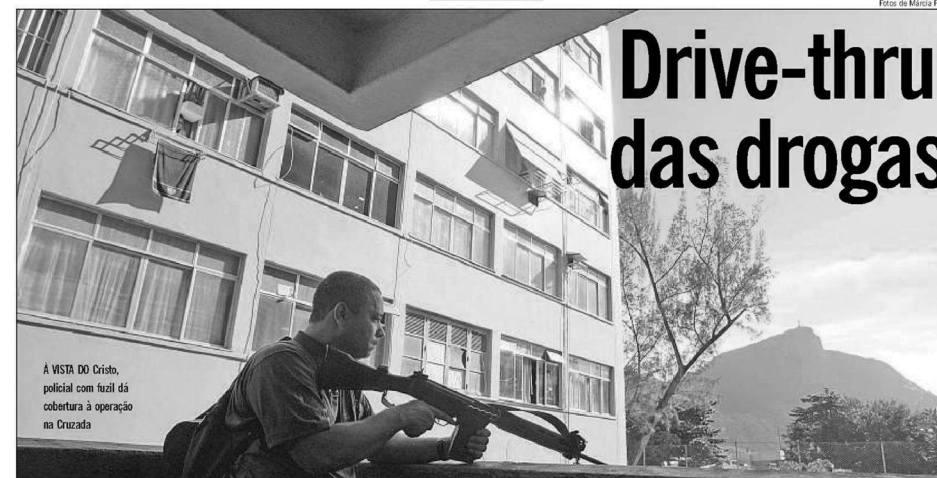
O Globo (2005)

Destoantes, dez prédios populares resistem no coração do Leblon

Ao lado do metro quadrado mais caro do país, comunidade sobrevive desde 1955

Folha de São Paulo (2018)

RIO



Drive-thru das drogas

A VISTA DO Cristo, policial com fuzil dá cobertura à operação na Cruzada

Polícia Civil prende 17 em ação contra o tráfico na Cruzada São Sebastião, no Leblon

O Globo (2010)

Operação prende sete na comunidade Cruzada São Sebastião

Entre os presos está a gerente geral do tráfico de drogas da região

Por O Dia

Publicado às 15h11 de 10/07/2019 - Atualizado às 15h13 de 10/07/2019

O Dia (2019)

Assim, a situação atual é um reflexo de todos esses processo de marginalização e resistência. Quando analisamos o Leblon, observa-se um padrão contínuo de investimentos urbanos que consolidaram seu perfil socioeconômico, enquanto que a Cruzada São Sebastião não passou por nenhum outro projeto que promovesse melhorias ou integração com o bairro.

Somente a partir da construção do metrô da linha 4, quase 60 anos mais tarde, que as transformações urbanas chegam à Cruzada, com a abertura de rua Humberto de Campos e a construção da ponte que liga com Ipanema. Porém, o projeto que visava melhorar a circulação do bairro não era destinado à sua inclusão, pois, após a conclusão das obras do metrô, somente a Praça Almirante Saldanha Gama passou por projeto de revitalização, enquanto a Praça Grécia, que é o espaço livre que a população do conjunto mais se apropria, é preterida e abandonada.

Além disso, tais transformações urbanas acarretaram na mudança do perfil do morador do conjunto, com a valorização do imóvel. Dessa maneira, nota-se que a Cruzada resiste "ilhada" em um bairro que não pretende reconhecê-la, muito pelo contrário, que tenta invisibilizá-la ou até mesmo alterá-la.

os espaços livres

2.2



[16] O conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, o Jardim de Alah e a Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1960

.1 o público e privado

Em relação às questões espaciais, nota-se que o contexto urbano do Leblon possui uma grande disponibilidade de áreas livres, tanto de domínio público quanto privado. Os espaços públicos existentes são compostos pelo Jardim de Alah (composto pela Praça Grécia e Praça Almirante Saldanha Gama), a Lagoa Rodrigo de Freitas e a praia do Leblon e Ipanema. A Lagoa e a praia apresentam maior fluxo de atividades e apropriação, sendo pontos turísticos relevantes da cidade e ocupadas também por moradores locais.

Já as áreas livres privadas são marcadas pelos clubes sociais, sendo eles: Monte Líbano, Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), Paissandú, Caiçaras e Clube de Regatas do Flamengo. Os três primeiros compõem a quadra vizinha da Cruzada São Sebastião e possuem diversas formas de lazer destinados às pessoas com determinado poder aquisitivo, dado a obrigatoriedade do pagamento de mensalidades para usufruir do espaço. Esses espaços privados são voltados para si e refletem de maneira hostil e excludente nos espaços públicos, possuindo a presença de muros em todo seu perímetro.



Outro ponto a ser analisado são as pequenas praças públicas dos clubes. O terreno foi cedido pela prefeitura do então Distrito Federal e deveria ter uma pequena parcela destinada ao uso público. Dessa maneira, existem três pequenas praças de uso público, mas de acesso controlado por meio de grades e portas. Esses espaços, apesar da sua finalidade social, passam despercebidos por pedestres usuais e poucos moradores usufruem de fato dessas áreas.

A Praça Milton Campos, que se localiza no interior do condomínio da Selva de Pedra, também se encontra em situação similar de espaço público com uso controlado. A praça originalmente não possuía nenhum tipo de barreira, mas na década de 2000, os condôminos se organizaram para implementar um sistema de segurança com guaritas, vigilantes e cancelas. Assim, o espaço é de caráter público, mas de uso quase exclusivo dos moradores do condomínio.



o público

[18] [19] Os espaços públicos próximos e utilizados regularmente por moradores e turistas. Acima, a praia do Leblon, e abaixo, o Parque dos Patins na Lagoa Rodrigo de Freitas.



o controle de acesso de espaços públicos

[20] [21] O sistema de segurança da Rua Professor Sabóia Ribeiro, composto pela guarita, vigilante e cancela e o portão de acesso à praça pública infantil da AABB.



.2 os muros

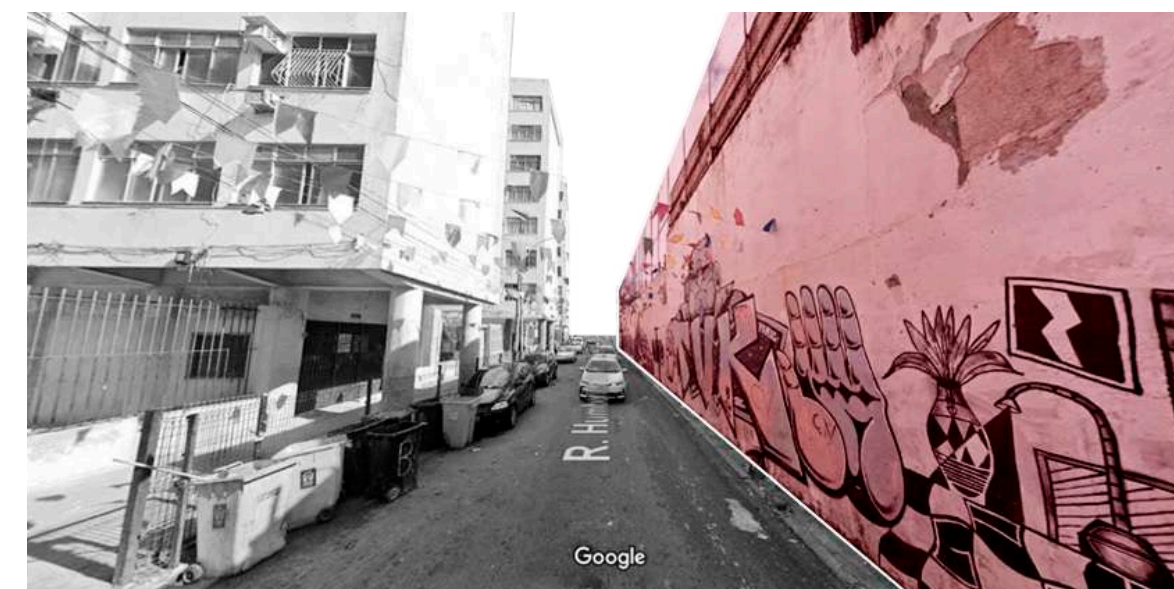
Segundo Caldeira (2000), houve um aprimoramento dos mecanismos de controle e vigilância nas metrópoles brasileiras se tornando cada vez mais presentes na forma da cidade. As barreiras que cercam a propriedade criaram “lugares privados dentro da cidade pública” (Caldeira, 2000) e são produzidas pelas elites dirigentes na busca por segurança, resultando na transformação da paisagem urbana com a criação de um novo padrão de segregação.

Essa relação altera também a construção da identidade da sociedade, a partir do momento que se diferencia o lado de “dentro” com o lado de fora”. Assim, de acordo com Lima (2014), as fronteiras vão para além de sua materialidade e se legitimam, expandindo seus domínios em função do isolamento de pessoas, ocasionando. Como resultado, os espaços públicos são negados por essa sucessão de enclausuramentos e ampliam as tensões sociais, pouco contribuindo para as formas coletivas e suas apropriações.

Diante desse contexto, podemos analisar a relação dos muros com a Cruzada São Sebastião. O entorno do conjunto habitacional é marcado por muros, tanto em relação ao Shopping Leblon, que forma uma grande empena, quanto os muros dos clubes sociais.

Assim, cria-se um estigma e separação entre a Cruzada e o restante do bairro, onde coexistem e são nitidamente separados. Os próprios muros dos clubes possuem relação de altura com o conjunto habitacional na Rua Humberto de Campos, pois quanto mais próximo do conjunto, mais altos eles se encontram.

Dessa maneira, observa-se que as ocupações do entorno apresentam uma relação de hostilidade em relação ao conjunto, fazendo com que os moradores da Cruzada se apropriem dos poucos espaços livres mais próximos, como demonstrado a seguir.

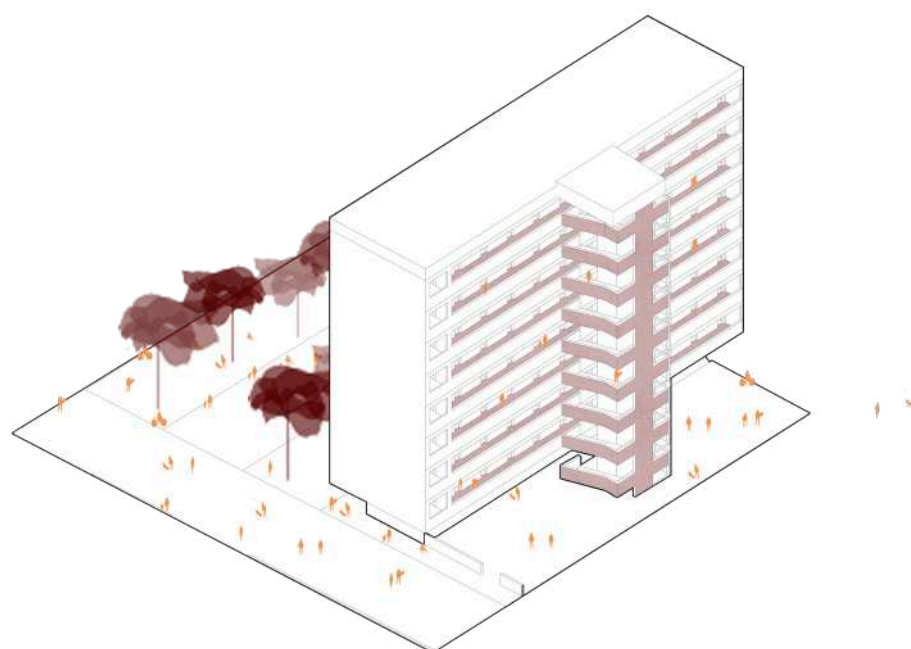


as barreiras do privado

[22] [23] Os muros dos clubes Paissandú e Monte Líbano na Rua Humberto de Campos.



**.1 a extensão da casa
o corredor**



[24] foto autoral da Cruzada São Sebastião

Conversando com um morador do conjunto sobre o uso da rua, Franco, de 29 anos, comentou que como a moradia não possui espaço suficiente para a quantidade de pessoas, a rua acaba por se tornar a extensão da casa, sendo o espaço de lazer do morador. Essa extensão da habitação ocorre de forma gradual, desde a porta da habitação, nos corredores abertos dos edifícios, até a rua de fato.

Segundo Hertzberger, a soleira da casa é a transição e a conexão entre áreas com demarcações territoriais divergentes, e constitui a condição espacial para o encontro e o diálogo entre a casa, de domínio privado, com a rua, de domínio público.

O autor entende a soleira como intervalo, possuindo um papel importante para o contato social e sendo o lugar em que esses dois mundos se superpõem, não sendo rigidamente demarcados.

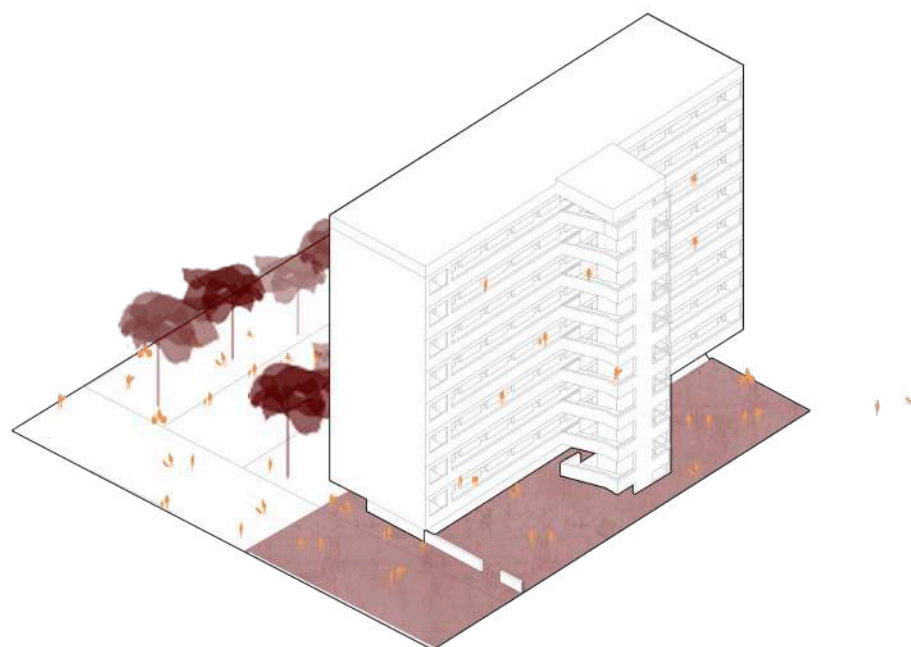
Assim, quando analisamos o conjunto habitacional, entende-se a soleira e o corredor como tal espaço. Para exemplificar, quando fui entrevistar uma das moradoras do Bloco 1, Gláucia botou uma cadeira no corredor, em frente à porta de sua casa, para me acomodar, e perguntou se eu me incomodava dela estender a roupa, no varal ao lado da porta, enquanto nós conversávamos. Enquanto nós conversávamos, chegavam os vizinhos, cumprimentavam e entravam na conversa. Assim, nota-se que o corredor não é somente o espaço de circulação entre a casa e o externo, se tornando o espaço que Hertzberger denomina como intervalo, que possui um papel importante para o contato interpessoal e onde o íntimo e o social se superpõem, não sendo rigidamente demarcados.

Essa relação ocorre tanto com as apropriações dos habitantes, graças ao espaço insuficiente da moradia, como a própria forma do espaço propicia tal comportamento. Os corredores são abertos e voltados para o bloco vizinho, marcado pela presença de equipamentos pessoais, como os varais, plantas e em alguns casos, mobília, e possuem uma permeabilidade visual que dá para os pátios internos e para a escada, que também é aberta, reforçando a vida comunitária.



[25] Imagem autoral do corredor do bloco 01

.3 a rua fechada



[26] Desfile do Império da Cruzada, na Rua Humberto de Campos



[27] Pátio interno sendo usado para recreação



[28] Rua Humberto de Campos

Os corredores se mostram como o primeiro contato com o público, que, em seguida, transborda e chega à Rua Humberto de Campos. Isso ocorre porque os acessos dos edifícios se distribuem ao longo dessa rua, com pátios exclusivos entre eles e murados nos seus limites. A configuração formal do conjunto, com as áreas de circulação abertas e voltadas para os pátios, permite a continuidade do espaço da casa.

Illich (2011) segue a linha de pensamento de Hertzberger, e entende que o espaço habitado vai além do interior da casa e acontece principalmente do lado de fora, no espaço comum. Dessa maneira, observa-se que parte dos moradores da Cruzada fazem da rua Humberto de Campos uma extensão das suas casas. O autor ressalta que a distinção moderna entre o espaço público e o privado destrói a distinção entre o espaço comum e a casa. Seguindo esse raciocínio, Luciana Andrade (2012) defende que os espaços livres dos ambientes informais são passíveis de serem ocupados por atividades privadas, como vendedores ambulantes, preparação de comida, lavagem de roupa, etc; e que o limite entre os espaços coletivos e privados acontece de forma fluida e quase se fundem.

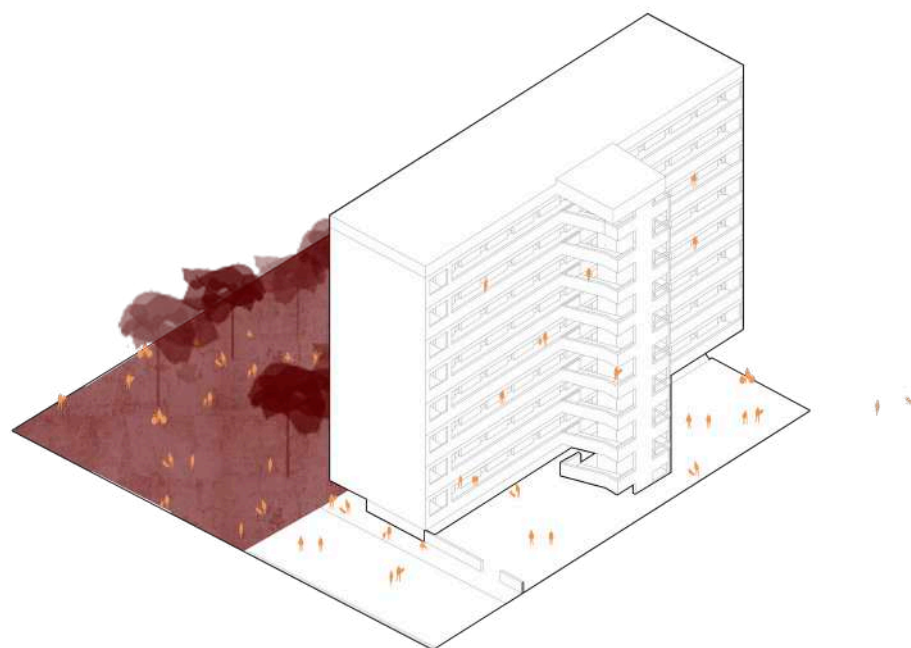
Assim, nota-se que o conjunto habitacional é um ambiente híbrido, pois está inserido na cidade formal, mas possui valores e hábitos característicos da cidade informal, e resul-

tando em certa fluidez entre o público e privado. Tanto em relação à moradia, quanto com os espaços de circulação abertos e com a presença de pátios que permitem maior publicismo capaz de provocar interações sociais, quanto a ocupação feita por ambulantes e moradores nas calçadas, pátios e até mesmo dentro dos apartamentos (SILVA, 2017). Ao longo da rua também ocorrem outros tipos de apropriações, como o uso de bandeirinhas de festa junina, o grafite no muro do clube Monte Líbano em praticamente toda sua extensão e diversos tipos de atividades, como churrascos, jogos de cartas, entre outros.

A rua é então conhecida como “rua fechada” pelos moradores, por ser o ambiente de encontro entre eles, e porque, antes das obras do metrô não era permitido a circulação de automóveis. Atualmente, desconsiderando a pandemia, a rua é fechada aos domingos para maior lazer e onde ocorrem diversos eventos comunitários.

Dessa maneira, pode-se entender a “rua como praça”, como Carlos Nelson dos Santos ressalta, pois os limites impostos pelo traçado e destinação original não inibem a população a usufruir do espaço público, mas, pelo contrário, passam a subverter a lógica pragmática e se apropriam dos espaços livres como praças.

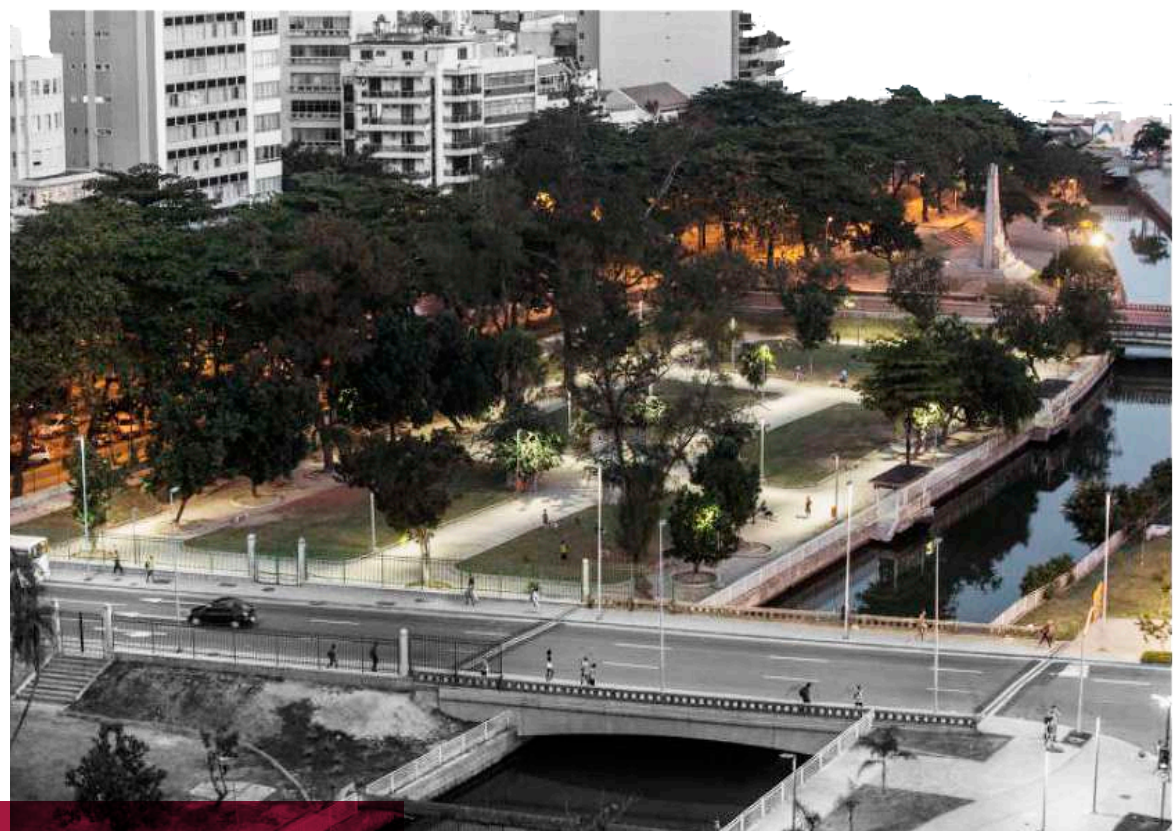
.4 a praça grécia _ jardim de alah



[29] Praça Grécia, foto autoral tirada de apartamento do Bloco 01



[30] Praça Grécia



[31] Praça Almirante Saldanha

A Praça Grécia se localiza em frente ao conjunto na Av. Borges de Medeiros e compõe o Jardim de Alah, junto com a Praça Almirante Saldanha Gama, que se localiza próximo à praia. Em entrevista com uma moradora do Bloco A, Eurenice, de 66 anos, que faz parte da primeira geração de moradores e chegou ainda bebê no conjunto, ressaltou a importância da praça em sua infância.

“Mas a gente brincava muito, aqui era tudo aberto. Não tinha muro até a Igreja, era tudo aberto. Nós tivemos uma infância maravilhosa. Aquela praça que tá ali, aqui do Jardim do Alah, foi a minha infância. Tá tão abandonada por quê? Por causa do metrô. Só revitalizou pra cachorro. Mas essa praça aqui era onde eu brincava.”

A comparação que Nice faz com as praças se dá porque após as obras do metrô, somente a Praça Almirante Saldanha Gama foi revitalizada, e atualmente é marcada pelo “parcão”, área fechada para o público deixar os cachorros soltos com segurança. A praça também conta com atividades recreativas, como pesca, que é tradição do local, no início do canal, atividades em grupo e práticas de exercícios, resultando no maior fluxo de pessoas.

Enquanto isso, após a conclusão das obras, a Praça Grécia ficou abandonada.

“Essa praça era muito linda, nosso lazer era aqui. Mas acabou tudo. As outras praças do Leblon estão todas arrumadas, até a dos cachorros, mas a nossa não”. aponta o aposentado Luiz Carlos Guimarães, 57, morador da Cruzada São Sebastião. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)

A reportagem de Trilhos do Rio também foi levantou a questão em 2012, na época das obras:

“[...]a implantação de um gigantesco canteiro de obras na Praça Grécia, no Jardim de Alah, tirou dos moradores da região uma das áreas de lazer dos bairros do Leblon e de Ipanema. Antes a praça era freqüentada por crianças, que utilizavam alguns brinquedos instalados na praça; desportistas que jogavam futebol nas quadras do local; e funcionários de empresas próximas, que passavam a hora do almoço ou outros momentos no local em busca de paz e tranquilidade.” (TRILHOS DO RIO, 2012)

Dessa maneira, os moradores do conjunto habitacional, que sempre utilizaram a praça como forma de lazer, permanecem ocupando-a, mas principalmente na área mais próxima à esquina com a Rua Humberto de Campos.

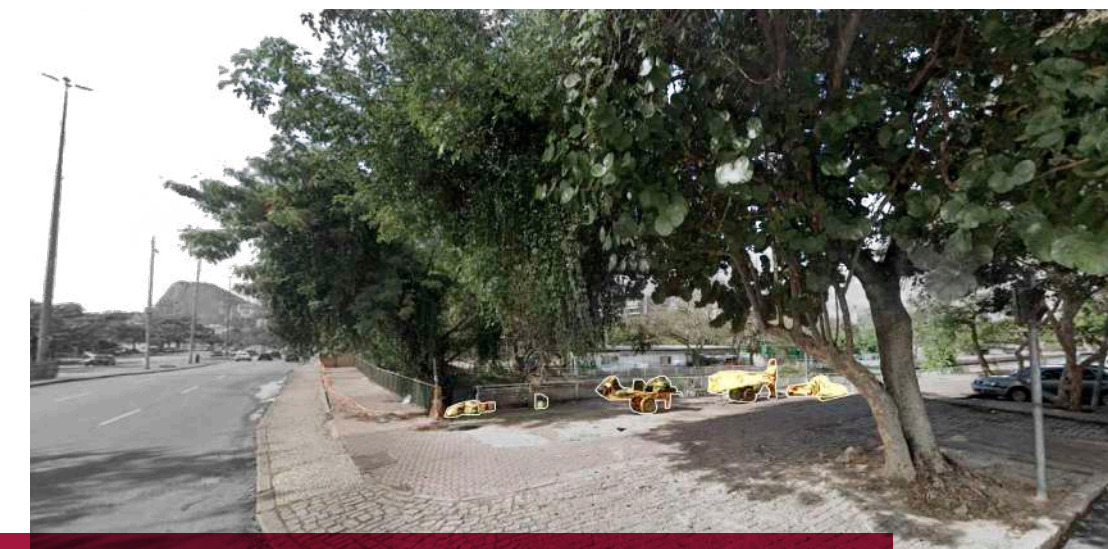
Essa apropriação ocorre com a presença de ambulantes e de pessoas que ocupam as áreas sombreadas, tanto nos espaços com mobiliário fixo, quanto com a adaptação de outros elementos.

Enquanto no recorte da praça mais próximo à comunidade ocorrem tipos de apropriação pela falta de cuidado público, na parte mais próxima a Av. Ataulfo Paiva, a praça possui um grau maior de manutenção, porém é caracterizada como um espaço incivil, que, segundo Caldeiras (2000), onde as pessoas transitam mas não se estabelecem vínculos com o lugar.

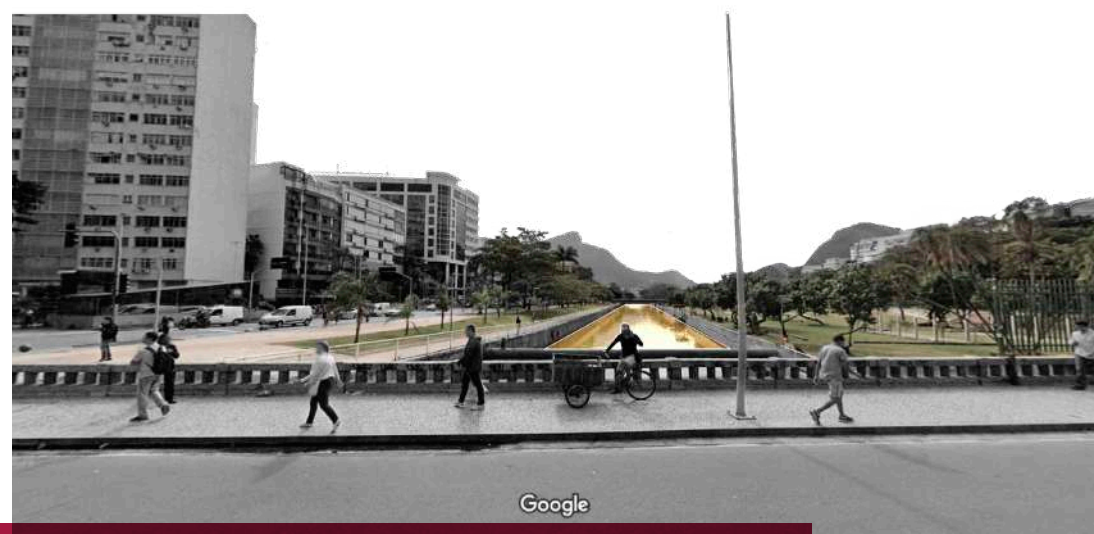
No lado oposto, o segmento que tange a Lagoa é o lugar mais abandonado da praça. Na parte de Ipanema, estão situados containers da prefeitura e a própria serve de estacionamento, com portões fechados que restringem o acesso ao pedestre. Já a lateral voltada pro Leblon é delimitada por estacionamento, com a presença de carros e caminhões, e também apropriações pontuais, servindo como estacionamento de carrinho de mão e de depósito de entulho.



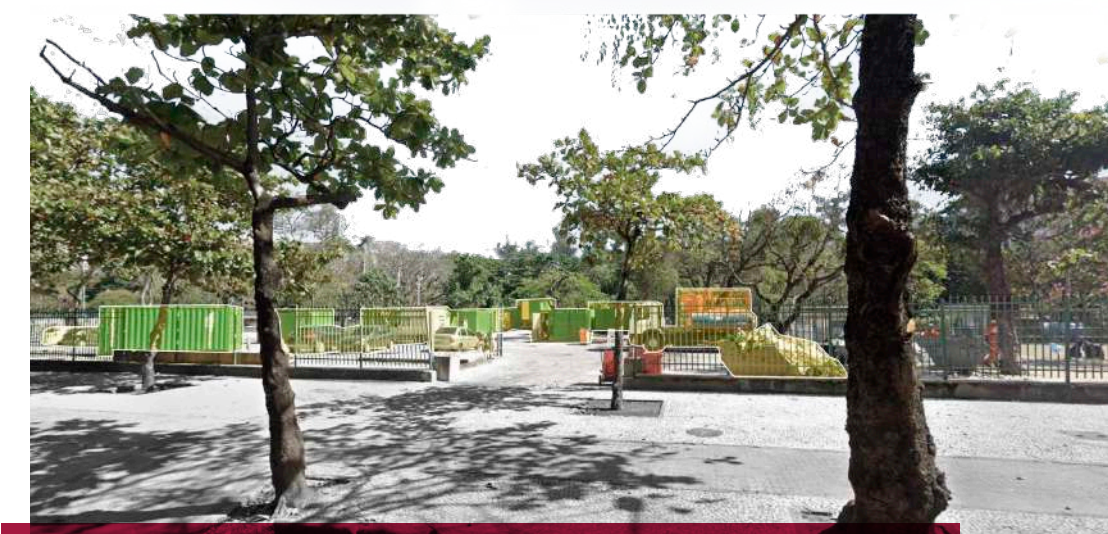
[32] a apropriação dos moradores na esquina da Rua Humberto de Campos com a Praça Grécia, utilizando equipamentos avulsos para maior conforto, como a cadeira e a lixeira.



[33] esquina da Praça Grécia com a Av. Borges de Medeiros com estacionamento de carrinhos de mão



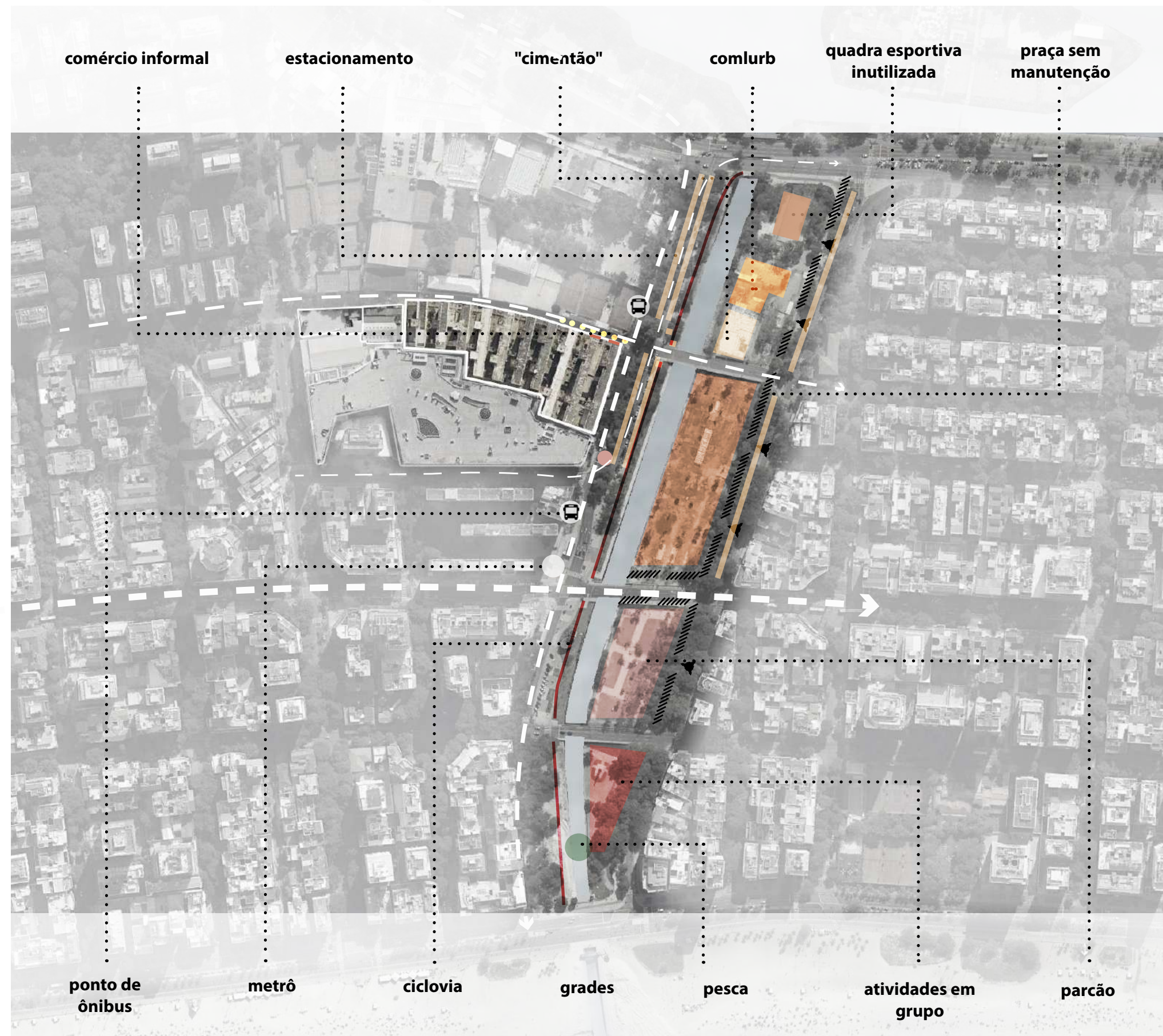
[34] ponte que atravessa o canal eliga Leblon e Ipanema



[35] Figura 18: interior da Praça Grécia com containers da Comlurb

Dessa forma, a Praça Grécia se encontra pouco utilizada, principalmente pela falta de manutenção e por se encontrar com as grades fechada para o público. Apresenta poucos espaços de permanência, onde as pessoas sentam na grama, nos canteiros ou trazem sua própria cadeira por falta de bancos, ocorrendo especialmente na esquina da praça com o conjunto e a ponte. A praça também é marcada por estacionamentos ao longo dela, e na região próxima ao Shopping Leblon, é utilizada para espera pelos entregadores de aplicativos.

Assim, a apropriação dos moradores se restringe a área próxima ao conjunto, não contemplando a praça.



[36] mapa autoral com base do google maps

.5 aproximação teórica

O projeto pretende compreender os espaços livres como instrumento essencial para a interação entre diferentes atores sociais, abordando questões relacionadas à divisão social da cidade, urbanidade, espaços livres, espaço comum e o direito à cidade.

A primeira abordagem é em relação à desigual divisão social da cidade. Segundo Ribeiro (2009), a relação entre o espaço urbano e social não é homóloga, com defasagens entre a estrutura urbana e a realidade social, resultantes dos diferentes processos históricos de mudanças da sociedade e sua morfologia. Segundo o autor, a divisão social da cidade nunca é absoluta e prevalecem territórios populares no interior dos espaços dominados pelas classes dominantes, gerando proximidades geográficas de grupos inseridos em posições opostas no espaço social.

Essa articulação é composta por uma relação de coexistência e invisibilidade da classe marginalizada, que fornece força de trabalho e utiliza os serviços disponíveis do entorno, mas sem partilhar o espaço social e enfrentando limites impostos pelas classes dominantes (OLIVEIRA, 2011, p.89):

A cidade formal, por seu lado, exercita as possibilidades de lidar com a incômoda convivência com tais “bolsões de pobreza”, articulando práticas para a limitação de sua expansão, pela implantação de eco-limites, de barreiras, estrangulamentos de acessos e confinamentos. A estratégia de esconder, vigiar e controlar está ligada ao medo, à desconfiança do outro, ao choque da partilha do espaço urbano entre populações com acentuada iniquidade.

Os espaços de transição entre realidades sociais distintas são muitas vezes imprecisos e complexos, nos quais determinado grupo pode exercer influência sobre outro (OLIVEIRA, 2011). Assim, pode-se observar a ambiguidade desses espaços, pois apresentam relações hostis e diversas formas de adaptações. Esses espaços são considerados por Aguiar (2012) como inóspitos, gerando espaços públicos pouco acolhedores e que reforçam a segregação, pela presença de “grades nas fachadas de prédios, extensos muros contornando introvertidos condomínios, mega shopping centers e estacionamentos e, a pior parte, as áridas freeways urbanas. (p.61)”

Sendo assim, a inserção da Cruzada São Sebastião no bairro nobre do Leblon apresenta uma relação de coexistência e invisibilidade, que é imposta por diversas barreiras no espaço público.

Por outro lado, nota-se, que apesar das barreiras impostas, que os moradores da Cruzada se apropriam de alguns espaços públicos adjacentes ao conjunto, a exemplo da rua Humberto de Campos, utilizando a rua como extensão de suas casas.

Nesse sentido, o projeto busca entender quais são os espaços públicos onde acontece essa apropriação e como ampliar a urbanidade dessas áreas, no entendimento da noção de civilidade no espaço público, e da compreensão da cidade como casa, provocando assim, os mais diversos tipos de interações sociais. (AGUIAR, 2012)

Para aprofundar esse entendimento, o trabalho pretende explorar questões relacionadas diretamente ao espaço livre e seus sentidos sociais, políticos, civil e econômico, para compreender seu potencial e simbolismo. O espaço público é compreendido a partir do conceito de Aguiar (2012, p.61):

entendimento de espaço público como locus de uma cultura urbana compartilhada, fundada em valores coletivos; uma cultura que envolve o convívio com os opostos, envolve diversidade, troca e, mais que tudo, o desfrute de uma cidade que tenha o espaço urbano como fundo ativo.

Outra abordagem relevante ao trabalho é a relação entre o exercício da cidadania na cidade. Segundo Maria Alice Carvalho (1995), o Rio de Janeiro é uma “cidade escassa”. O termo se refere à “dimensão residual da cidadania e, portanto, à sua parca competência para articular os apetites sociais à vida política organizada”. A cidade se torna um objeto de disputa entre os seus habitantes com apropriações privatistas e padrões de exclusão, onde parte da população não se reconhece como participante da trajetória coletiva.

A autora ressalta que somente a partir da promoção dos bens de cidadania que é possível formar novas relações sociais incorporadas na vida pública, com a participação da população na esfera política. Esses bens de cidadania seriam o acesso à moradia, trabalho, saúde e educação, que possibilitariam a autonomia dos segmentos mais pobres da população a se tornar autônomos, libertos das redes de subordinação pessoal que se encontram.

Dessa maneira, com o descaso do Estado em implementar políticas integradoras ao longo do seu crescimento econômico, a sociedade não procura a política representativa como forma de solucionar suas demandas. Muito pelo contrário, se mantém distante e desprovida do sentimento de coletividade.

Visto isso, o projeto entende a Praça Grécia como lugar de potencialização do convívio e interação entre as diferentes realidades sociais, procurando criar oportunidades para o exercício da cidadania a partir de equipamentos sociais, esportivos e culturais que possibilitem a vivência coletiva e a manifestação das práticas cotidianas.

03 ensaio projetual



[37] Colagem autoral

.1 cenário atual

transbordar o habitar para o espaço coletivo

Como visto no capítulo anterior, os espaços livres passam por diferentes momentos de transição entre o íntimo e o social. O trabalho se baseia na ideia de transbordamento, pois nota-se que já existem diversas formas de apropriações e práticas sociais cotidianas que não ficam circunscritas somente no espaço doméstico. O habitar se inicia na moradia mas expande-se para o espaço público de forma gradual, transpassando pelos corredores, pátios, "rua fechada" e chegando até a esquina com a Av. Borges de Medeiros.

trans-borda-ar

através; além de. - área que circunscribe ou limita algo

transbordar

sair das bordas; espalhar-se em torno; extravasar, derramar-se



[38] mapa autoral em base do google maps

1. transbordar dos corredores



O primeiro momento do transbordamento ocorre nos corredores do conjunto habitacional, e é marcado pela presença de apropriações privadas no espaço comum, com a disposição de varais de roupa e plantas ao longo do corredor, e por este ser um local de encontro e convívio.

2. transbordar dos pátios



No segundo momento, o espaço habitado vai para além dos corredores, com apropriações espontâneas nos pátios internos entre blocos. O espaço é utilizado no cotidiano para atividades infantis e de encontro entre os moradores.

[40] Moradores do conjunto habitacional utilizando o pátio para atividades recreativas infantis.

3. transbordar na “rua fechada”



Em seguida, os pátios transbordam para a Rua Humberto de Campos, sendo o primeiro contato com o espaço público. A rua é marcada pela presença de comércio informal, sendo também um ambiente de encontro.

A rua é o espaço onde ocorrem diversas atividades sociais, como o bloco de carnaval "Império da Cruzada", as procissões de eventos católicos, os churrascos dos moradores, as atividades recreativas do projeto social Basquete Cruzada, entre outros.

[41] A rua fechada para o desfile do bloco de carnaval "Império da Cruzada"

4. transbordar na escola santos anjos



Como a Cruzada são Sebastião foi idealizada dentro dos moldes da igreja católica, a relação criada entre a igreja, escola, paróquia e conjunto habitacional permanece até os dias atuais, porém de formas diferentes.

As instituições foram construídas destinadas aos moradores do conjunto, onde o centro paroquial realizava cursos profissionalizantes, de marcenaria para os homens e de corte e costura para as mulheres. Atualmente, não existem mais tais oficinas, mas a paróquia permanece sendo um centro social e passou a atender outras comunidades próximas, como Chácara do Céu, Vidigal e Rocinha. O espaço conta com consultório médico, odontológico, fonoaudiólogo, psicopedagogia, sala de informática, aulas de artesanato, catequese e curso pré vestibular e de alfabetização de adultos.

Esses espaços também são utilizados pelo projeto social Basquete Cruzada, que procura utilizar o esporte e cultura como ferramenta de inclusão social, com aulas de espanhol, cineclube, assistência terapêutica e biblioteca comunitária. O projeto também usufrui da Escola Santos Anjos para suas atividades esportivas: basquete, judô, jiu-jitsu e capoeira.

Dessa forma, as instituições ainda são utilizadas pelos habitantes do conjunto, porém, em conversa com uma das entrevistadas, Eurenice, que costumava frequentar a igreja e foi aluna da escola Santos Anjos, relatou que a relação se modificou ao longo dos anos:

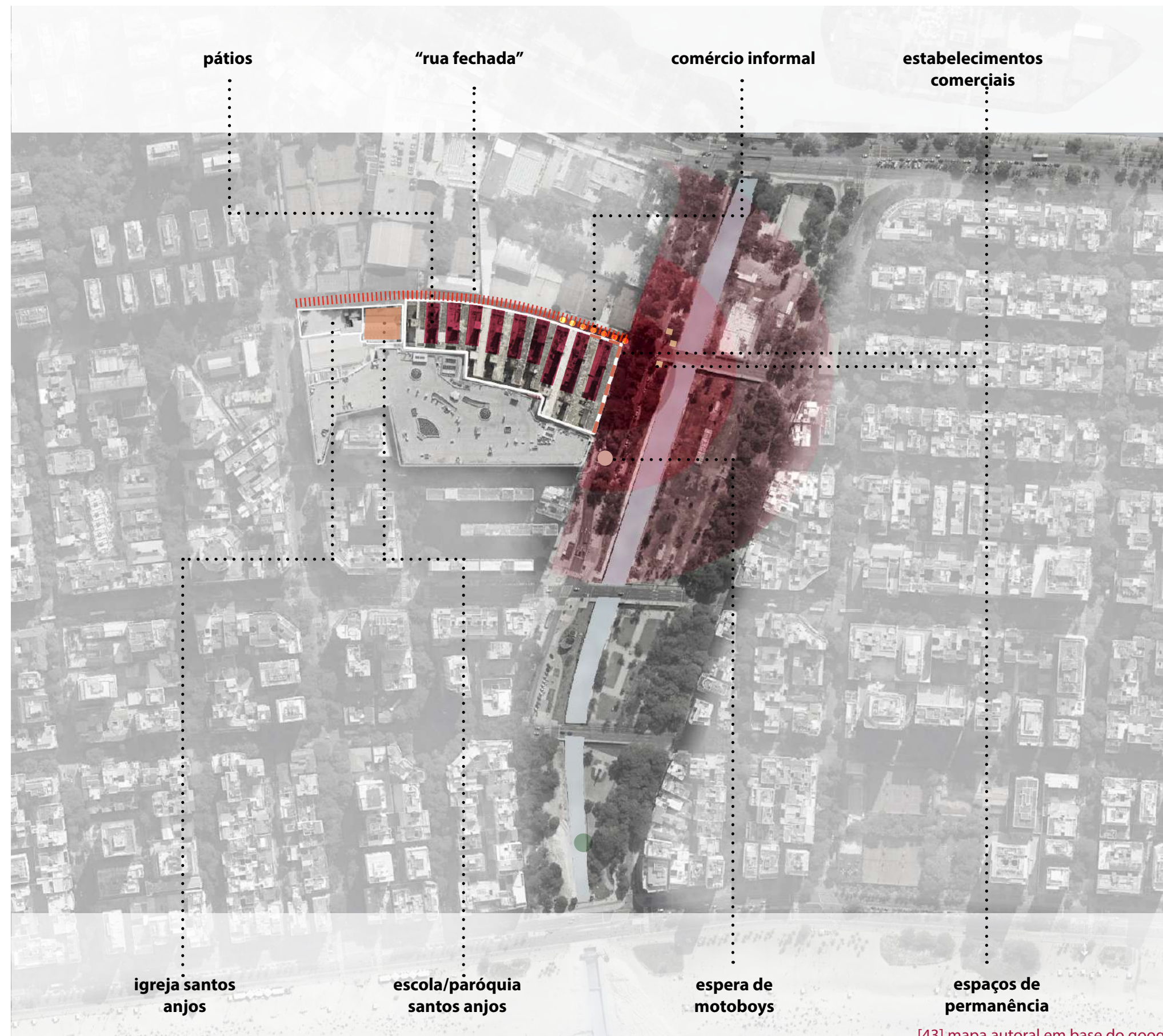
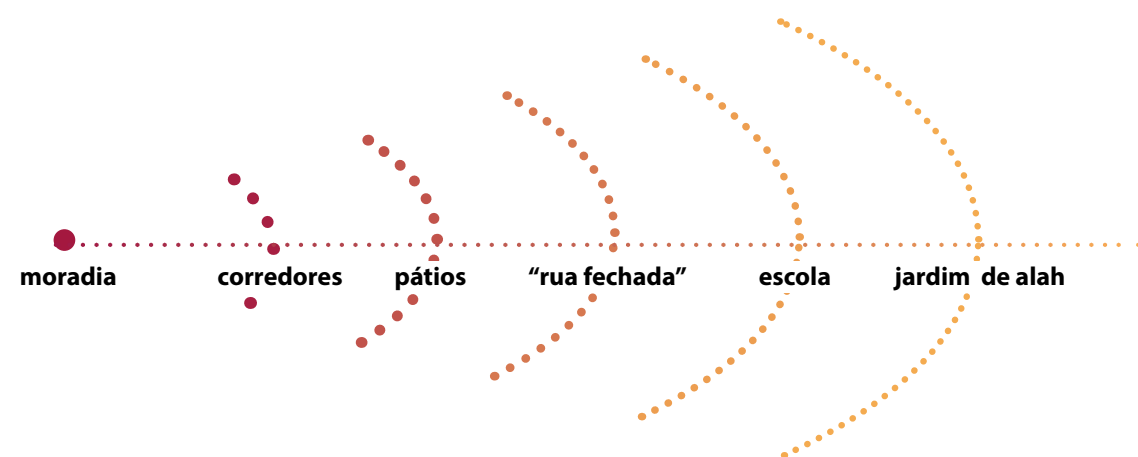
“Agora aquela Igreja não é mais da Cruzada, não é mais da comunidade. Antes era. Você, aqui da Cruzada, quase não se sente mais a vontade. Antes ali te acolhia, eu aprendi muita coisa lá.”

.2 proposta

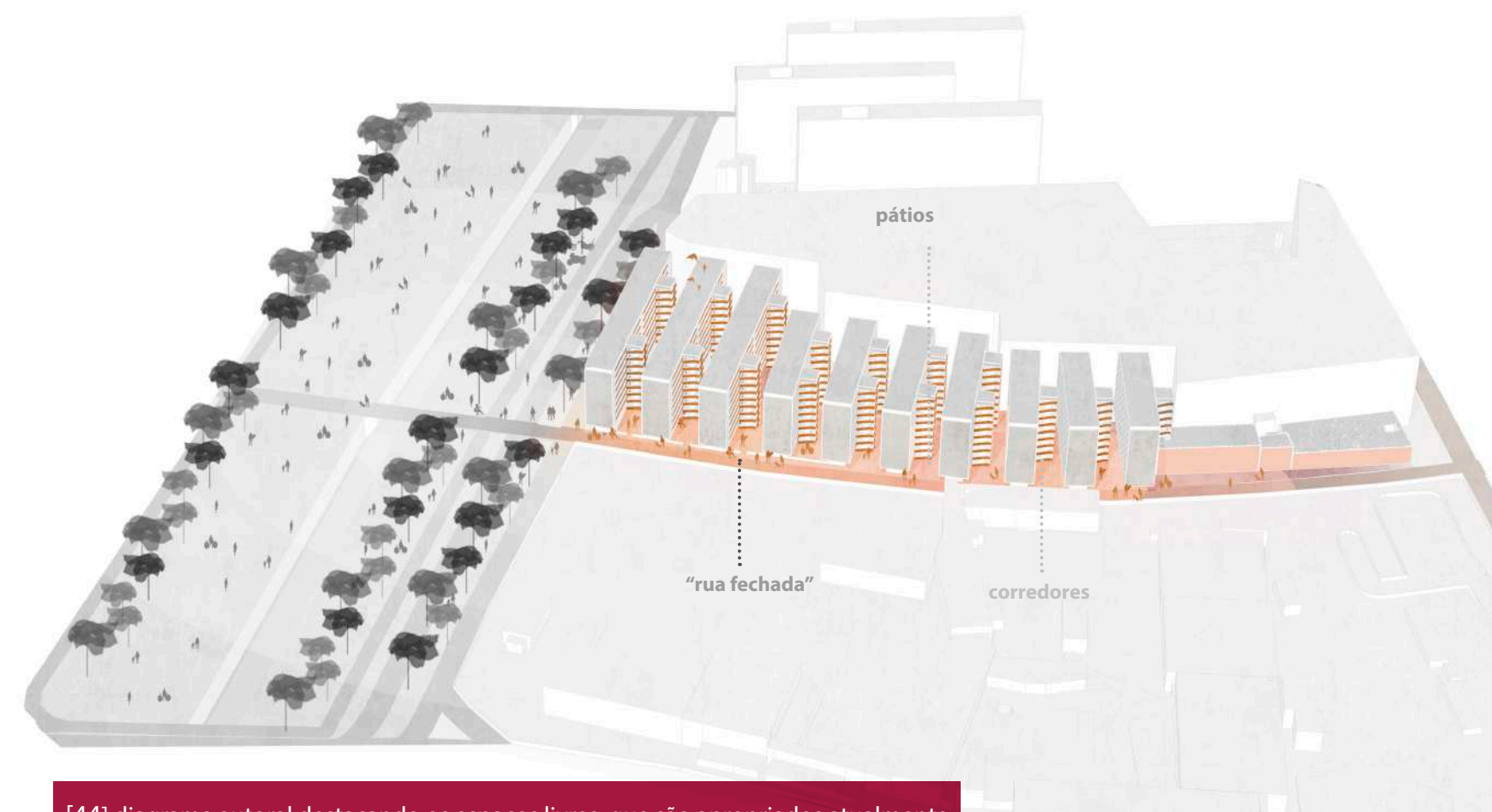
transbordar o habitar para a praça

A partir do estudo das diversas formas de habitar os espaços livres, o trabalho visa que o espaço coletivo, com suas atividades e apropriações existentes, se amplie até o Jardim de Alah.

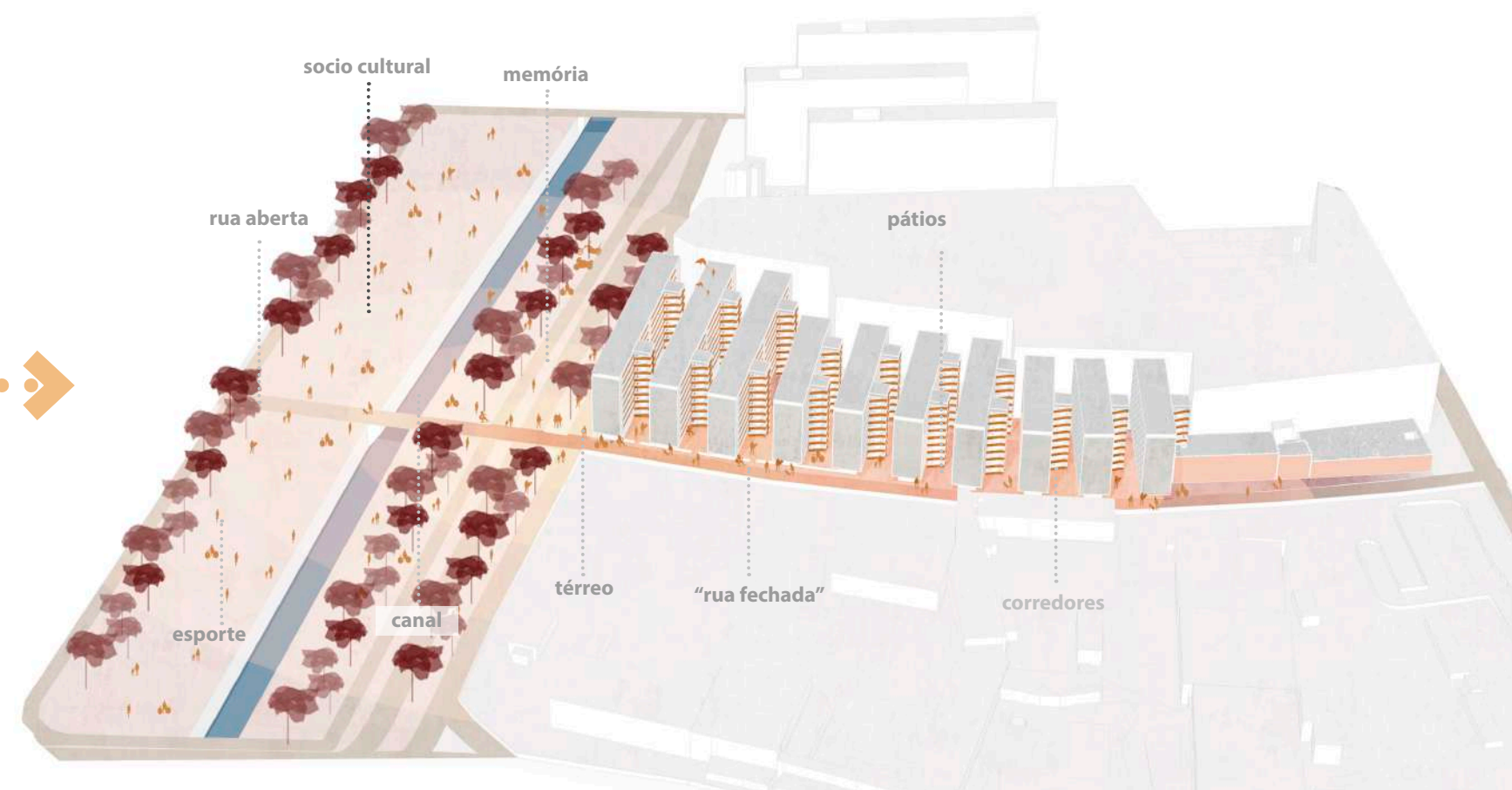
A praça, que atualmente é pouco utilizada, passa a ser potencializadora e ativadora de novas dinâmicas urbanas e socioculturais.



[43] mapa autoral em base do google maps



[44] diagrama autoral destacando os espaços livres que são apropriados atualmente



[45] diagrama autoral destacando a intenção projetual de transbordamento das apropriações existentes nos espaços livres.

.3 abordagem projetual

A leitura do projeto é feita a partir de duas abordagens principais, a primeira do projeto como um produto em processo, e a segunda, do projeto por cenários.

Na primeira, o projeto é compreendido como um produto em processo aberto, onde a organização do espaço e seus usos podem se adaptar ao longo do tempo (WALL, 1999; CORNER, 2007; OSWALT ET AL, 2013), onde os usuários tenham a opção de se apropriar de diversas maneiras espontâneas.

Assim, o projeto é considerado aberto aos acasos e à imprevisibilidade (REYES, 2015, p.105), e também (1965) “aberto às escolhas, aberto ao uso e manipulação ativos, aberto à visão e à compreensão, aberto ao acesso, aberto a novas percepções e experiências” (LYNCH, 1965,p.408).

Dessa forma, busca-se explorar as práticas informais e cotidianas não planejadas, assim como elementos espaciais existentes, com a finalidade de reposicionar narrativas até então pouco ouvidas e protagonizar diferentes atores sociais.

O projeto também foi elaborado através da constru-

ção de cenários projetivos. Os cenários são compreendidos como possibilidades de mudança da situação presente, em que são feitas construções imagéticas do que o espaço pode vir a ser.

“[...] o desejo de um lugar idealizado permite refletir a situação presente. A utopia não é uma espécie de utopia que nos tira da realidade, muito pelo contrário, impõe uma reflexão sobre o presente a partir de uma imagem do futuro.” (REYES, 2015, p.90)

Dessa maneira, os cenários são alimentados pela expressão “E se fosse...”, “E se pensássemos dessa maneira?”, “E se fosse essa alternativa escolhida?”, onde tais perguntas nos fazem repensar sobre a situação presente, abrindo para possibilidades futuras e nos convidando a mudar o modelo mental que estrutura a realidade vivenciada naquele momento. (REYES, 2015, p.102)

O projeto por cenários também foi pensado como meio, para ser levado à própria população e ser um primeiro momento de debate, discussão e de idealização a partir da visualização de representações visuais do espaço.



4. cenários possíveis

Como abordado anteriormente, o trabalho é estruturado principalmente a partir da formulação de perguntas. Essas perguntas podem ser tanto amplas e gerais, quanto mais direcionadas, como será visto a seguir.

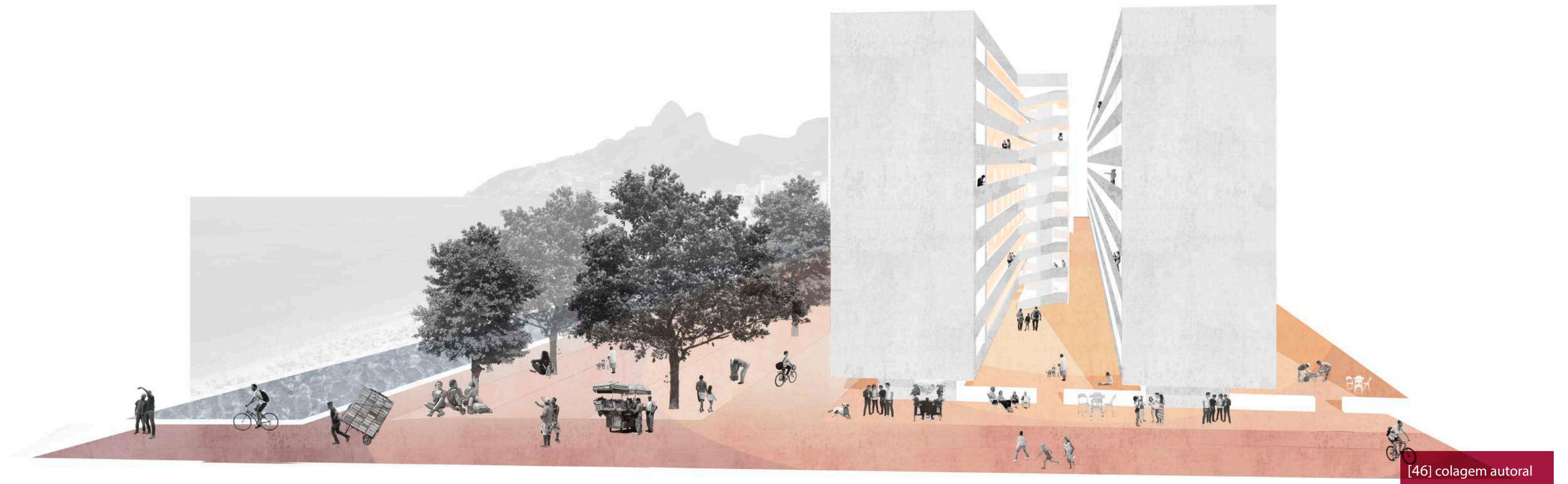
E se...

... as histórias cotidianas dos moradores da Cruzada São Sebastião fossem visibilizadas, ampliando seu direito à voz e à escuta?

... a comunidade fosse reconhecida como parte integrante do bairro?

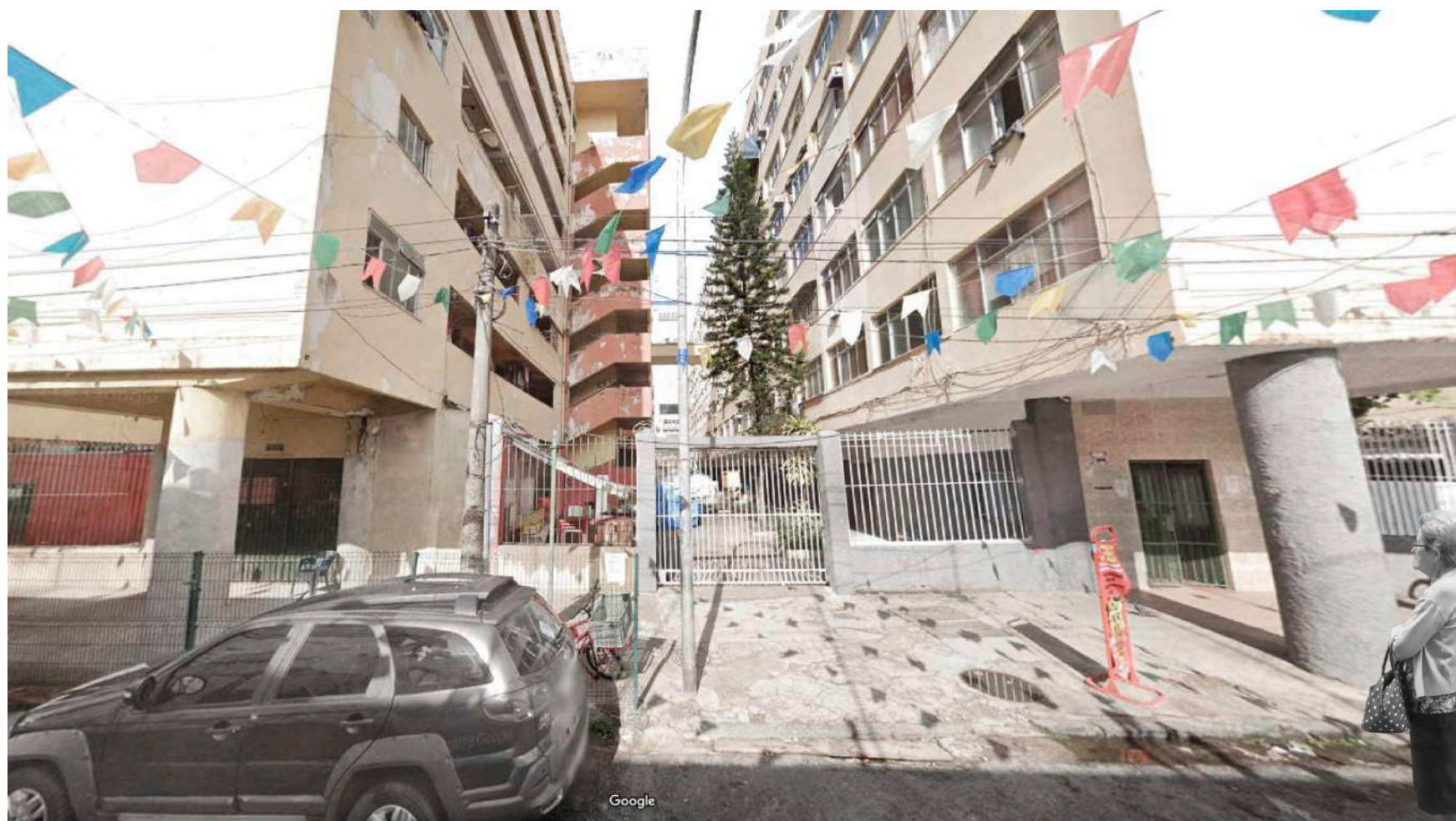
... os moradores da Cruzada habitassem além do seu entorno imediato, e apropriassem a praça?

... o Jardim de Alah fosse um espaço onde a comunidade pode se expressar, se apropriar e interagir com distintos atores sociais?



[46] colagem autoral

cenário atual



[47] vista da área de projeto - situação atual

cenário possível



[48] vista da área de projeto - situação proposta

Os pátios entre blocos do conjunto habitacional são um espaço comum no cotidiano do morador. No espaço em limite com o muro é onde costuma-se ter maior número de usos e apropriações, com ambulantes, tendas de comércios, churrascos, jogos, entre outros. Porém, em muitos casos, os pátios não contam com mobiliários, sendo improvisados pelos moradores diversas vezes.

E se...

... as práticas sociais dos moradores fossem acolhidas e amplificadas nos pátios?

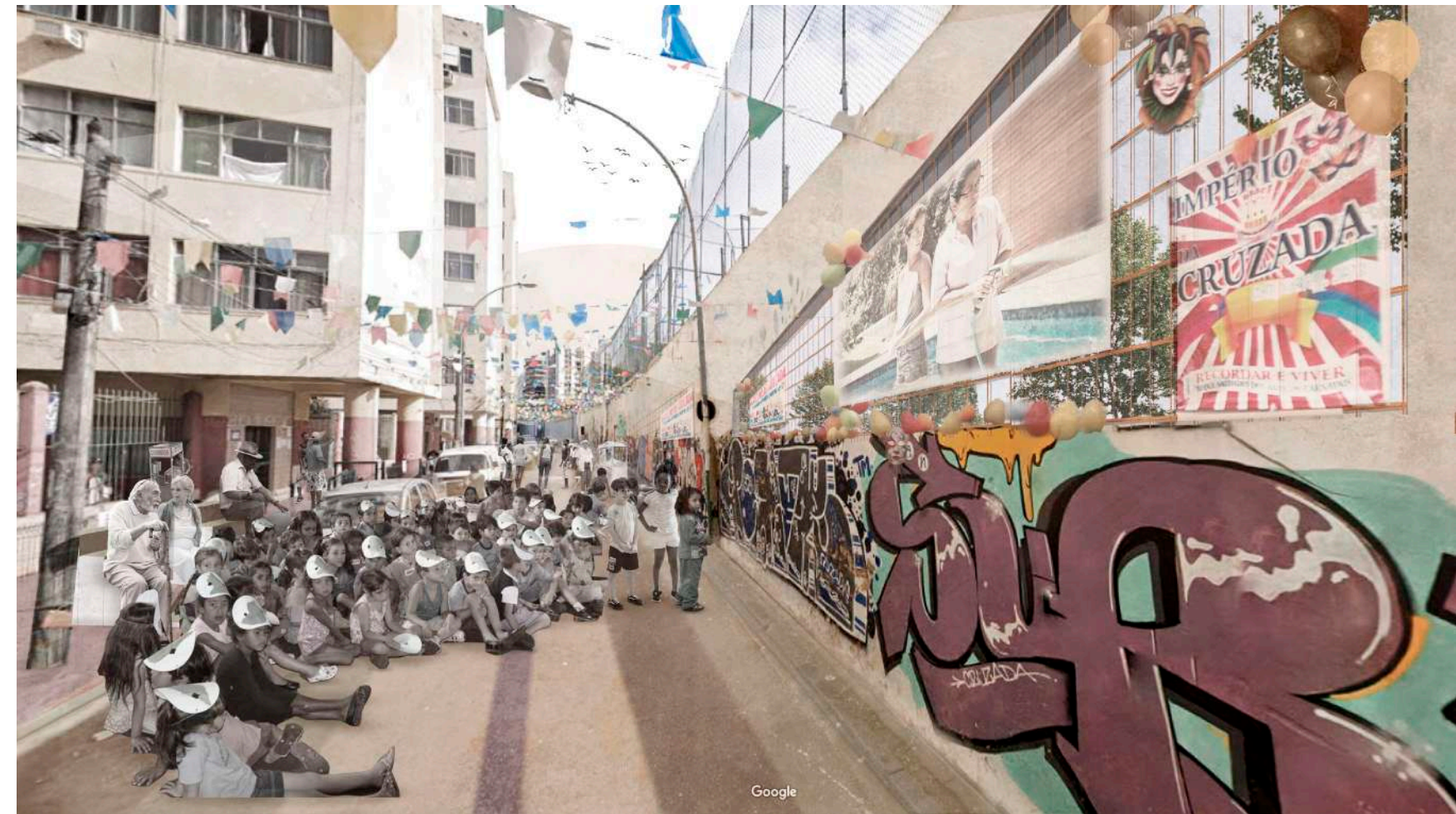
cenário atual



[49] vista da área de projeto - situação atual

A "rua fechada" é um espaço de convívio dos moradores com diversas atividades, especialmente aos domingos e feriados quando não há circulação de automóveis. Do lado do passeio é cercada por grades e do outro pelos muros dos clubes sociais. Os muros dos clubes são marcados pela presença de grafites e quando há eventos, a comunidade também utiliza-o para divulgação e decoração.

cenário possível



[50] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

as barreiras fossem minimizadas e apropriadas e pudessem ter outros tipos de apropriação?

cenário atual



[51] vista da área de projeto - situação atual

As atividades que ocorrem na rua Humberto de Campos se concentram somente nas proximidades do conjunto habitacional. Na continuação da rua em direção ao Jardim de Alah, a rua serve somente para o tráfego de carros.

cenário possível



[52] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

a "rua fechada" se expandisse para além do entorno da Cruzada e fosse um espaço de lazer aos feriados?

cenário atual



[53] vista da área de projeto - situação atual

A esquina do conjunto conta com estabelecimentos comerciais no térreo do Bloco 1, que encontra-se murado ao longo da rua, e é onde apresenta maior grau de apropriações, tanto de comércio quanto de encontro, como jogos, churrascos, etc.

cenário possível



[54] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

o espaço de contato com o bairro fosse mais amplo e possibilitasse mais trocas?

cenário atual



[54] vista da área de projeto - situação atual

Em frente à Cruzada São Sebastião, a Av. Borges de Medeiros é marcada pela presença de estacionamento público, entre a Lagoa e o Shopping Leblon. Há poucos espaços de permanência; sendo principalmente um local de passagem aos transeuntes.

cenário possível



[56] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

a história da Cruzada São Sebastião fosse resgatada e reconhecida no espaço público?

cenário atual



[57] vista da área de projeto - situação atual

O canal, que liga a Lagoa Rodrigo de Freitas com as praia de Ipanema e Leblon, já foi uma área recreativa do bairro com diversas atividades. Hoje em dia, com a poluição da Lagoa, deixou de ter tal caráter e mantém somente a tradição da pesca em poucos pontos ao longo de sua extensão.

cenário possível



[58] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

o Jardim de Alah fosse requalificado e mais apropriado para o lazer?

cenário atual



[59] vista da área de projeto - situação atual

Atualmente, a praça se encontra inutilizada e com os portões fechados, com uma parte já cimentada, utilizada somente pela Comlurb. Enquanto isso, as práticas esportivas do projeto social Basquete Cruzada, acontecem em sua maioria nas quadras da Escola Santos Anjos.

cenário possível



[60] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

as atividades esportivas dos projetos sociais também ocorressem na praça?

cenário atual



[61] vista da área de projeto - situação atual

A praça se encontra sem manutenção e sem qualquer tipo de equipamento socio cultural. Já as atividades socio educatiavas do Basquete Cruzada ocorrem no interior da Paróquia e na Escola Santos Anjos.

cenário possível



[62] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

as atividades sociais e culturais dos projetos sociais também ocorressem na praça?

cenário atual



[63] vista da área de projeto - situação atual

Como a praça se mantém fechada ao público, não apresenta um fluxo significativo de pessoas e atividades atualmente.

cenário possível



[64] vista da área de projeto - situação proposta

E se...

a praça fosse um espaço de convívio entre diferentes realidades sociais propício às mais diversas formas de apropriação?

E se...



... o espaço público potencializasse o convívio e interação entre as diferentes realidades sociais, com novas oportunidades para o exercício da cidadania?

.5 estruturação espacial e funcional

O ensaio projetual foi constituído através de cenários projetivos, composto por representações visuais que possibilitaram a visualização de futuros possíveis. (REYES, 2015, p.14). Esses cenários desenvolvem-se a partir da estruturação espacial e funcional do espaço, onde se articulam configurações pré definidas e configurações abertas (PERPÉTUO, 2018, p.177).

configurações pré definidas **configurações abertas**

elementos preliminarmente definidos que estruturam o espaço livre.

Trata-se de uma configuração básica de elementos fixos, com o intuito de viabilizar o projeto e ser de baixo custo de manutenção.

espaços que possibilitam diversas formas de manifestações, atividades e apropriações espontâneas, com participação da população em ações individuais ou coletivas.

Essas apropriações podem estar relacionadas tanto aos usos cotidianos quanto às intervenções efêmeras, possuindo pouca interferência da administração do parque.

Para estimular as configurações abertas, o projeto pretende acolher as apropriações espontâneas existentes nas áreas livres. Para isso, durante o desenvolvimento projetual foi levado em consideração as práticas cotidianas e informais, assim como a participação dos projetos sociais no local, como o Basquete Cruzada, que, em parceria com a Escola e Paróquia Santos Anjos, promovem atividades esportivas e culturais para a população.

Dessa maneira, o trabalho desenvolve as configurações pré-definidas, com o maior aprofundamento dos elementos que organizam o espaço livre e estabelecem certa setorização de atividades.

.6 plano de massas - praça grécia

clube Paissandú

clube AABB

clube monte líbano

aproximação 03

rua barão de jaguaripe

rua humberto de campos

paróquia santos anjos

escola santos anjos

conjunto habitacional cruzada são sebastião

aproximação 02

rua nascimento silva

aproximação 01

shopping leblon

rua redentor

av. afrânio de melo franco

rua professor antônio maria teixeira

aproximação 04

rua barão da torre

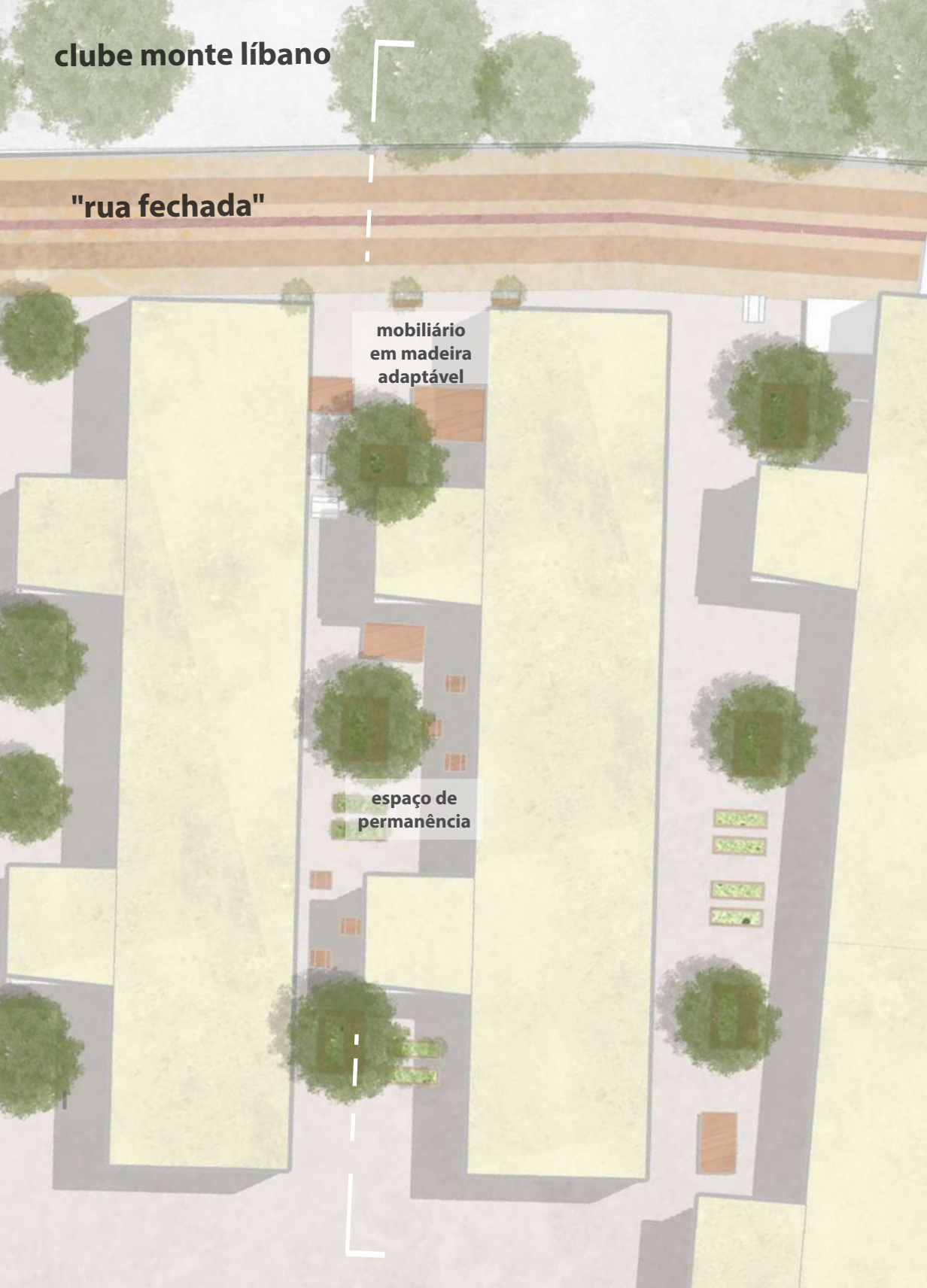
100m

av. ataufo de paiva

av. borges de medeiros

av. epitácio pessoa

rua visconde de pirajá



ampliação 01

plano de massas

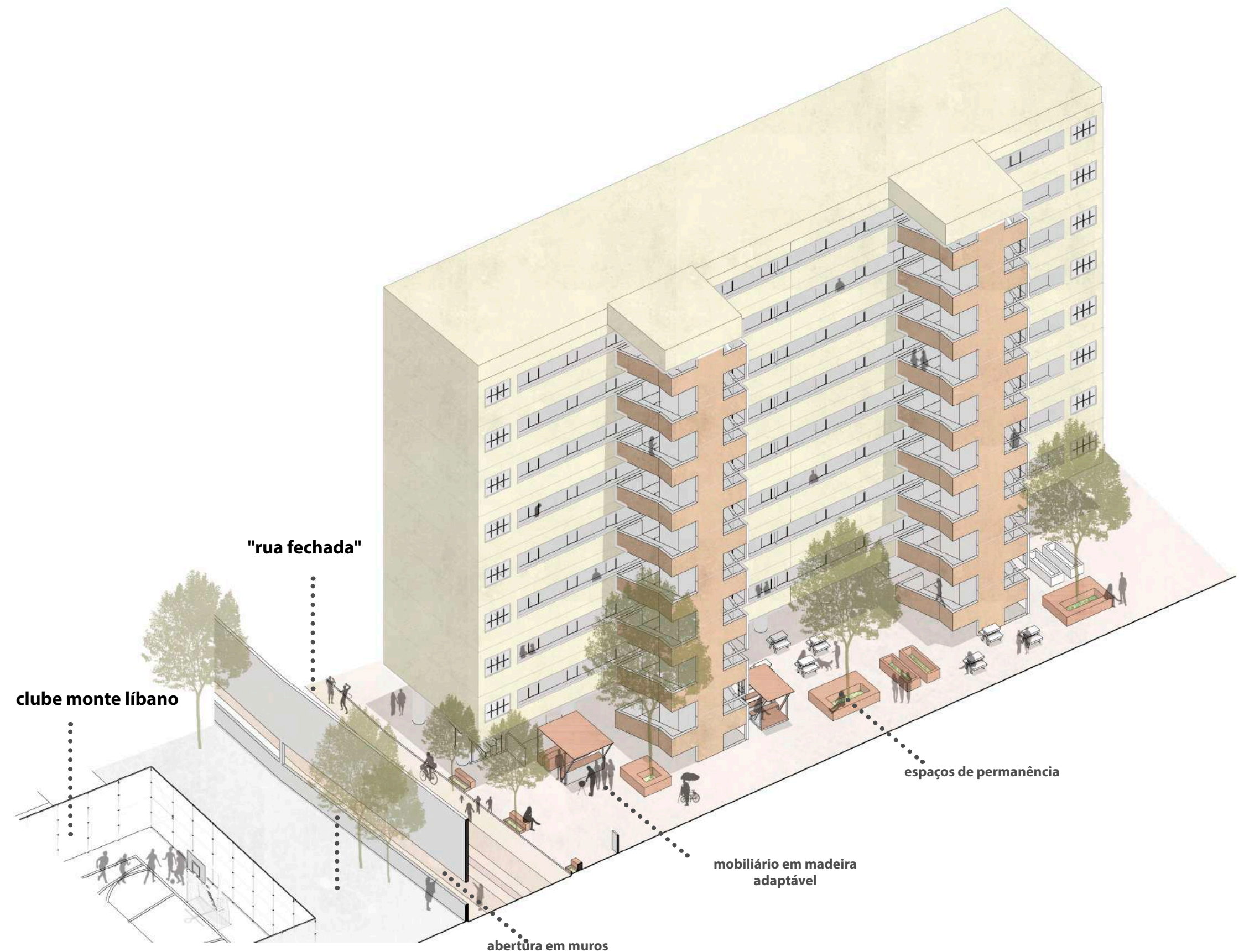


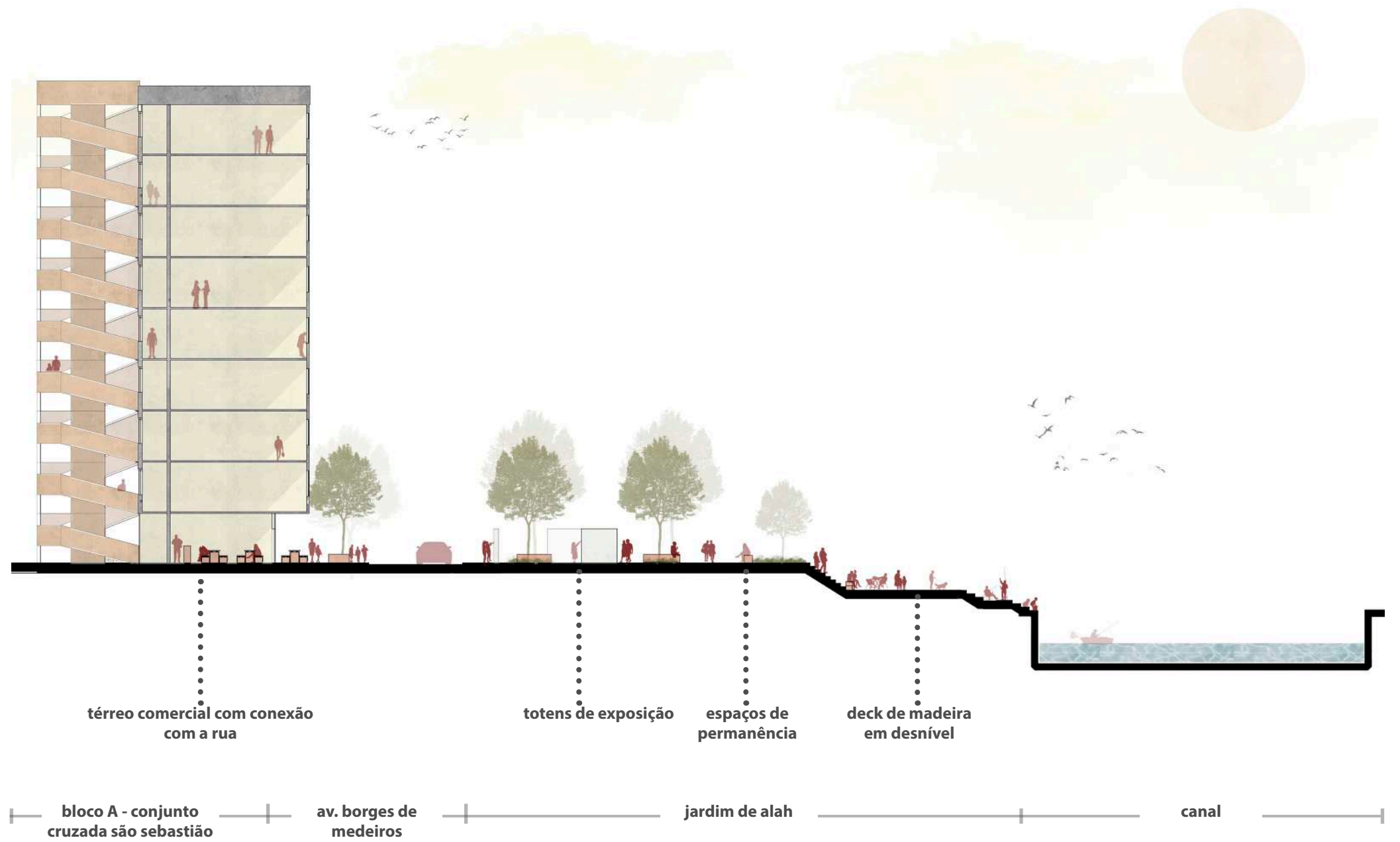
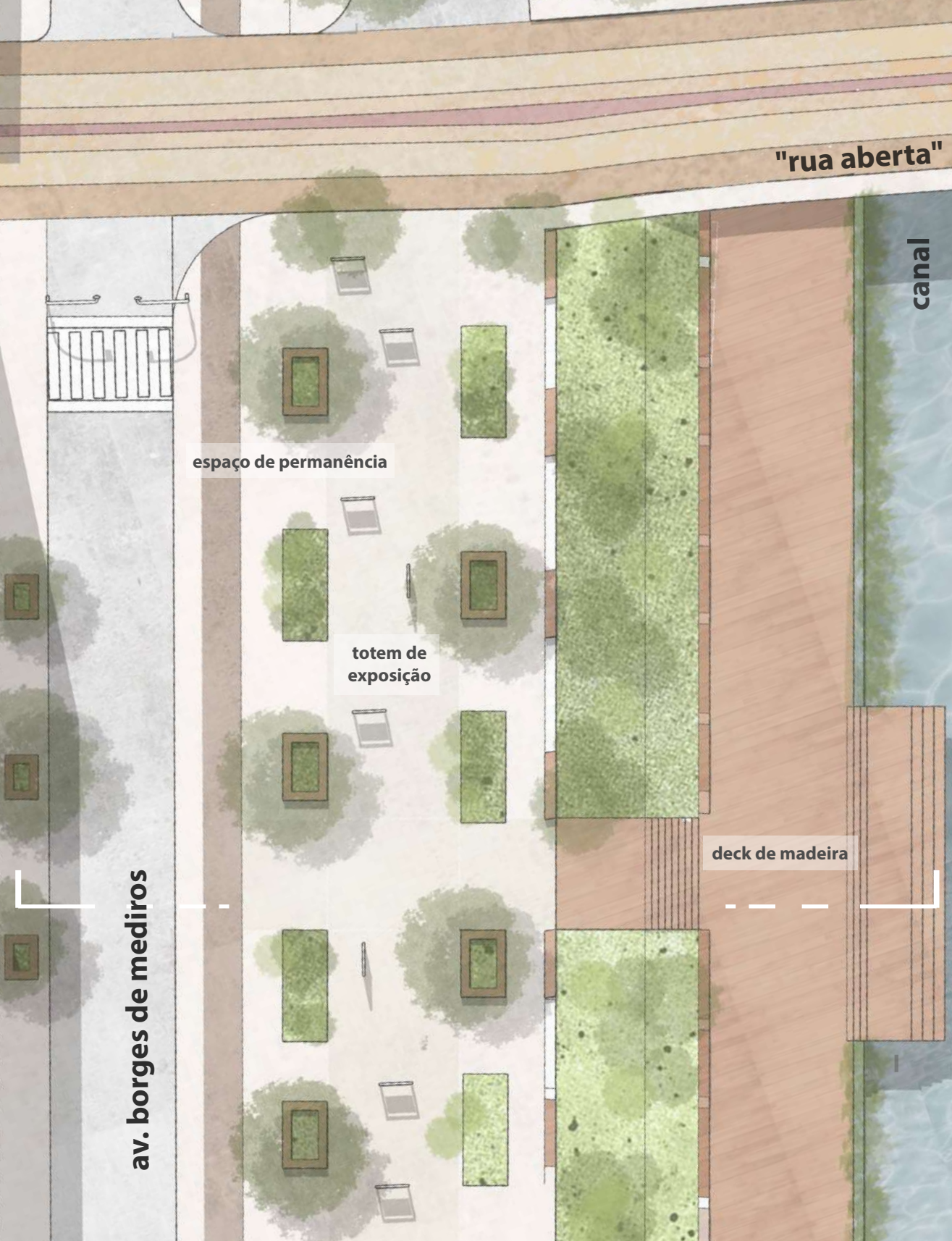
ampliação 01

Ampliação das áreas dos pátios internos do conjunto residencial e a ligação com a "rua fechada". São propostos canteiros e mobiliários em madeira adaptáveis para diversas apropriações, para dar suporte as dinâmicas existentes dos moradores, como comércio informal, estar e hortas comunitárias.

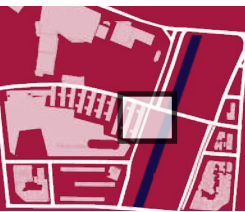
A fim de minimizar as barreiras do entorno imediato, são abertos vãos nos muros dos clubes. Os vãos são uma forma de habitar o conflito, permitindo a visibilidade de realidades sociais diferentes. As aberturas contam com estruturas que permitem a disposição de diferentes elementos, como faixas de divulgação, cartazes, artes, tela para cineclube, equipamentos festivos, etc.

A rua Humberto de Campos conta com linhas de paginação de piso que conectam a esquina do conjunto, desde a Igreja Santos Anjos, até a Praça Grécia, na av. Epitácio Pessoa. A rua é voltada para o lazer aos domingos e feriados, quando fecha a circulação de automóveis, mantendo o tráfego de veículos nos dias comuns.





ampliação 02
plano de massas





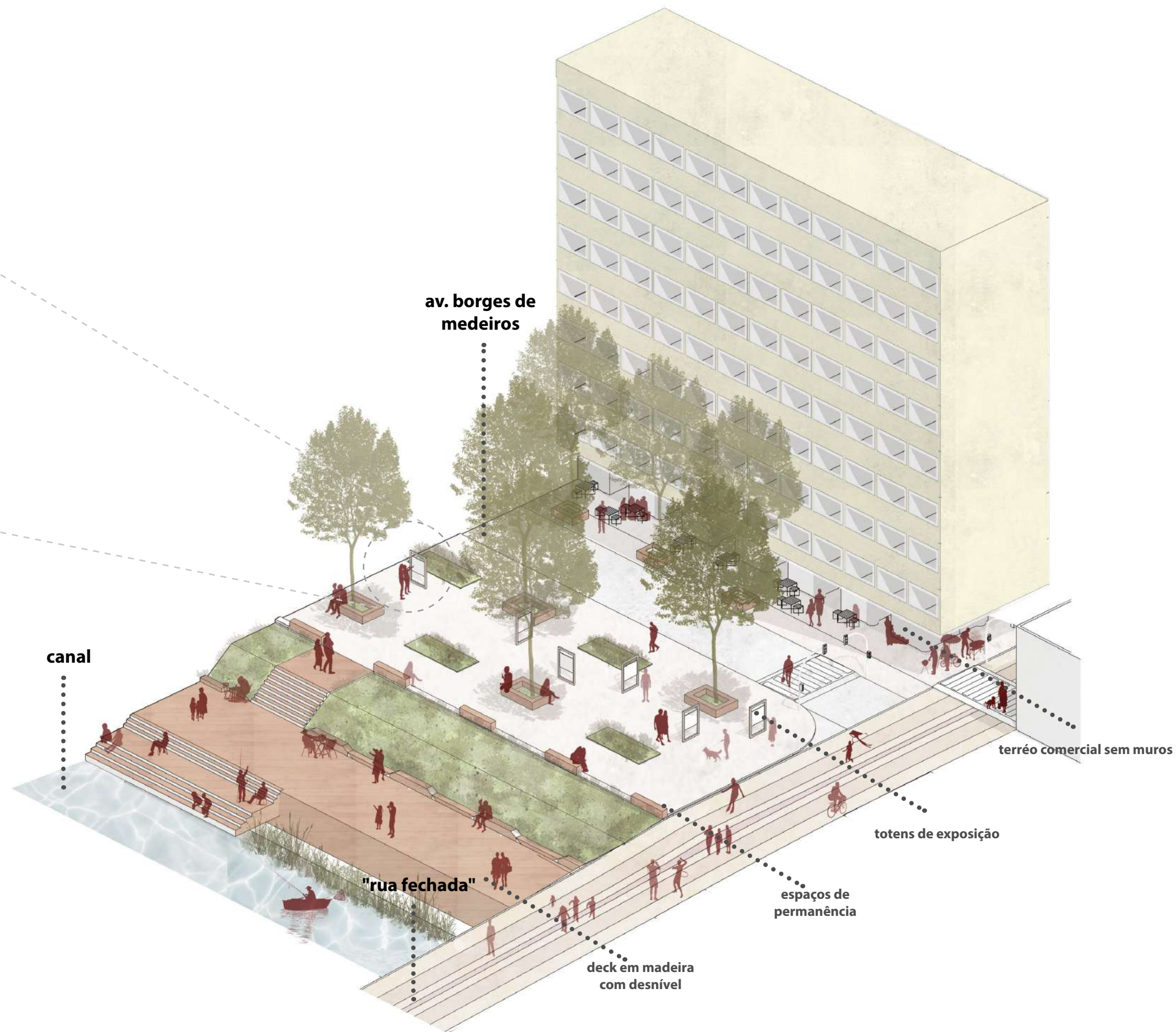
ampliação - totens memória

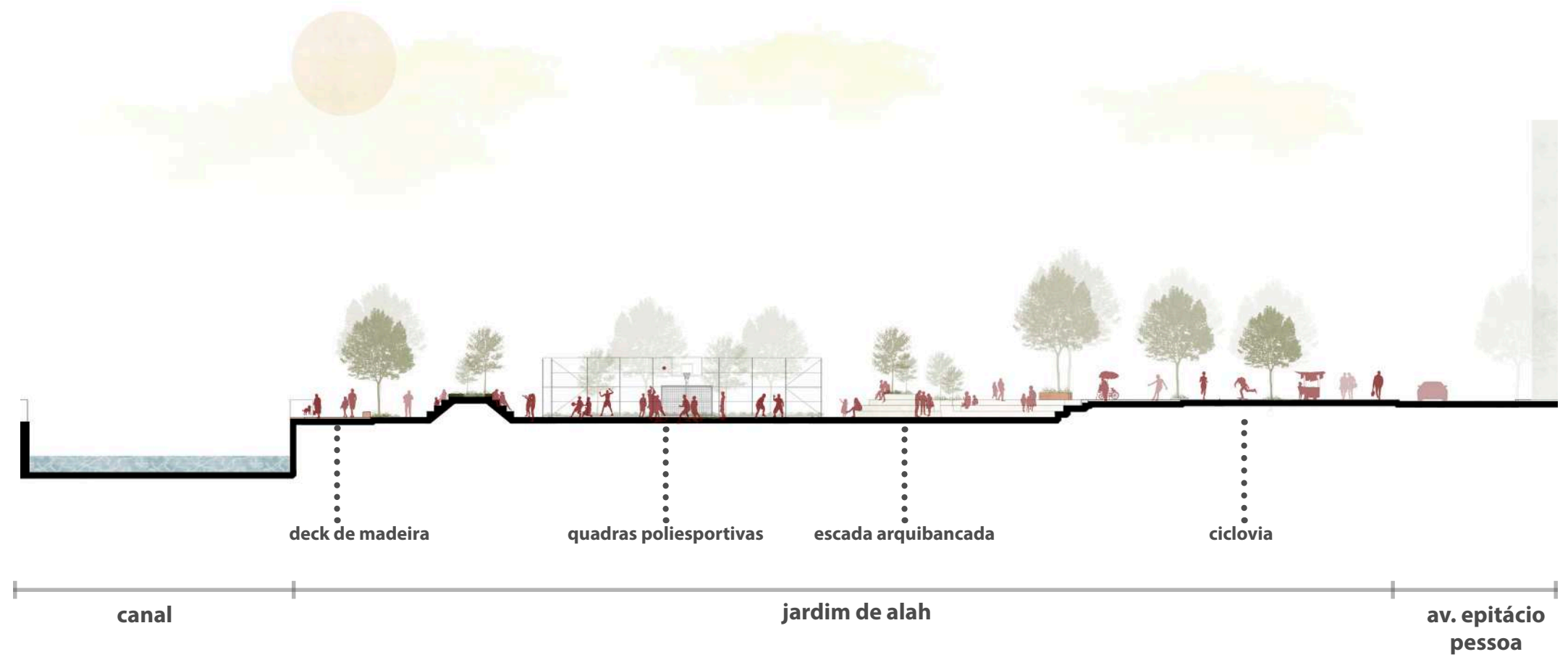
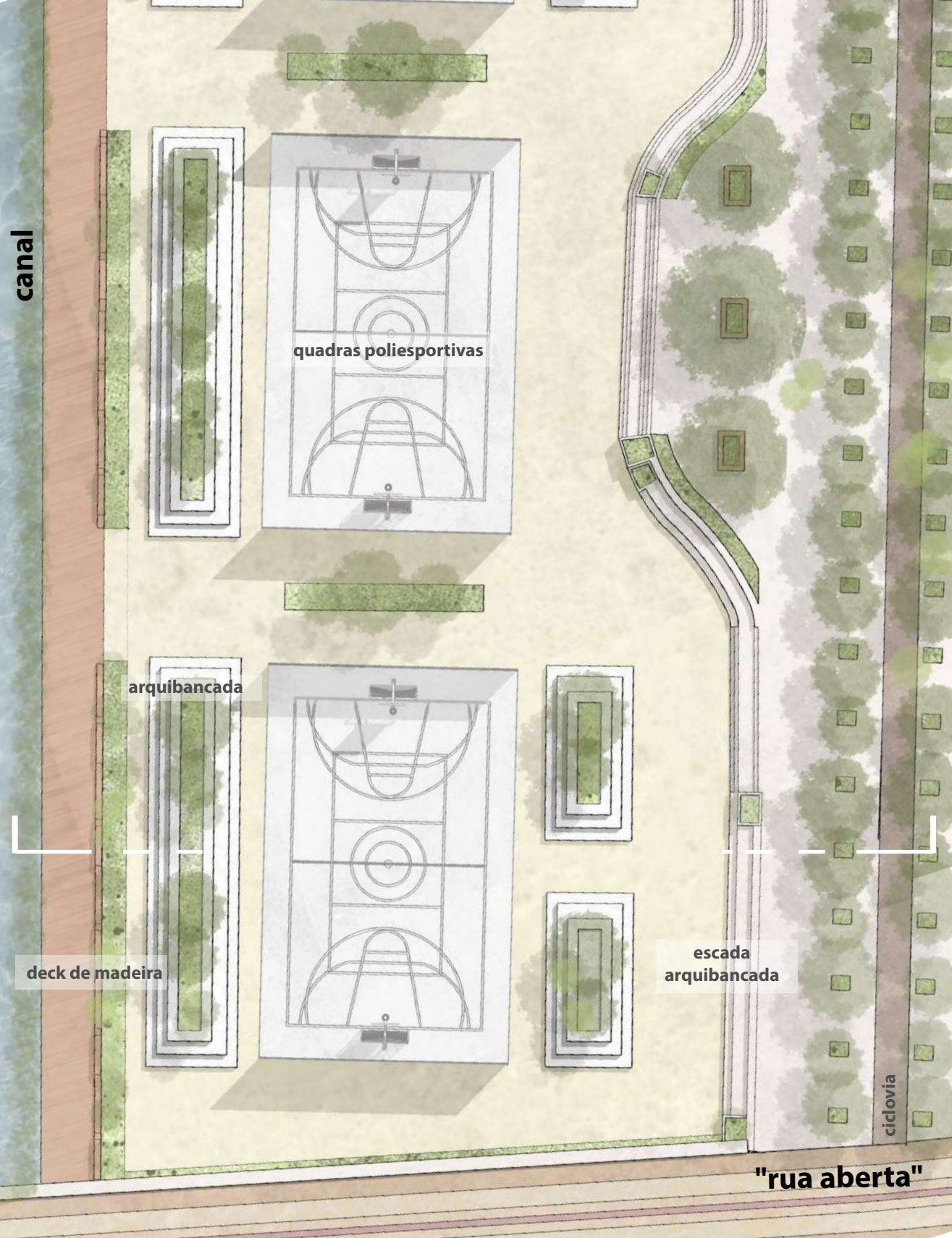
ampliação 02

Localizada na esquina da Av. Borges de Medeiros com a Rua Humberto de Campos é marcada por três momentos. O primeiro é o aumento da permeabilidade e contato com o bairro a partir da retirada do muro do térreo, possibilitando maior troca entre os comércios e serviços do prédio com a rua.

Em frente ao conjunto, o espaço é requalificado com a ampliação do passeio onde atualmente é estacionamento, e se torna um espaço de resgate à memória com totens que divulgam a história do lugar, referente à Praia do Pinto, Cruzada São Sebastião e Jardim de Alah.

Já o terceiro momento, é caracterizado pela relação com o canal. A praça possui um grande deck em nível mais baixo à rua em todo seu perímetro com o canal, com espaços de lazer que em momentos sobressaem e permitem maior aproximação com a água.





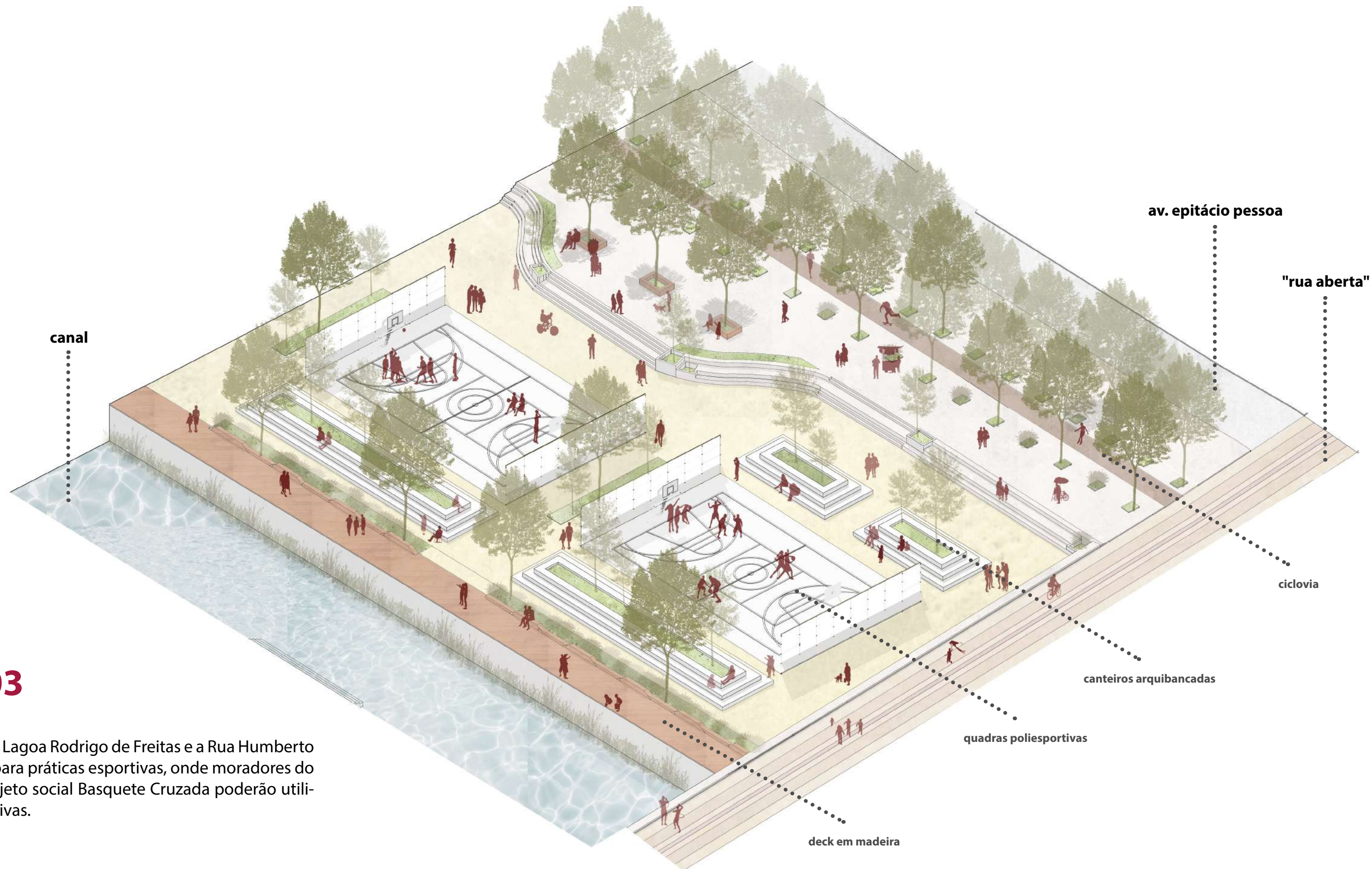
ampliação 03

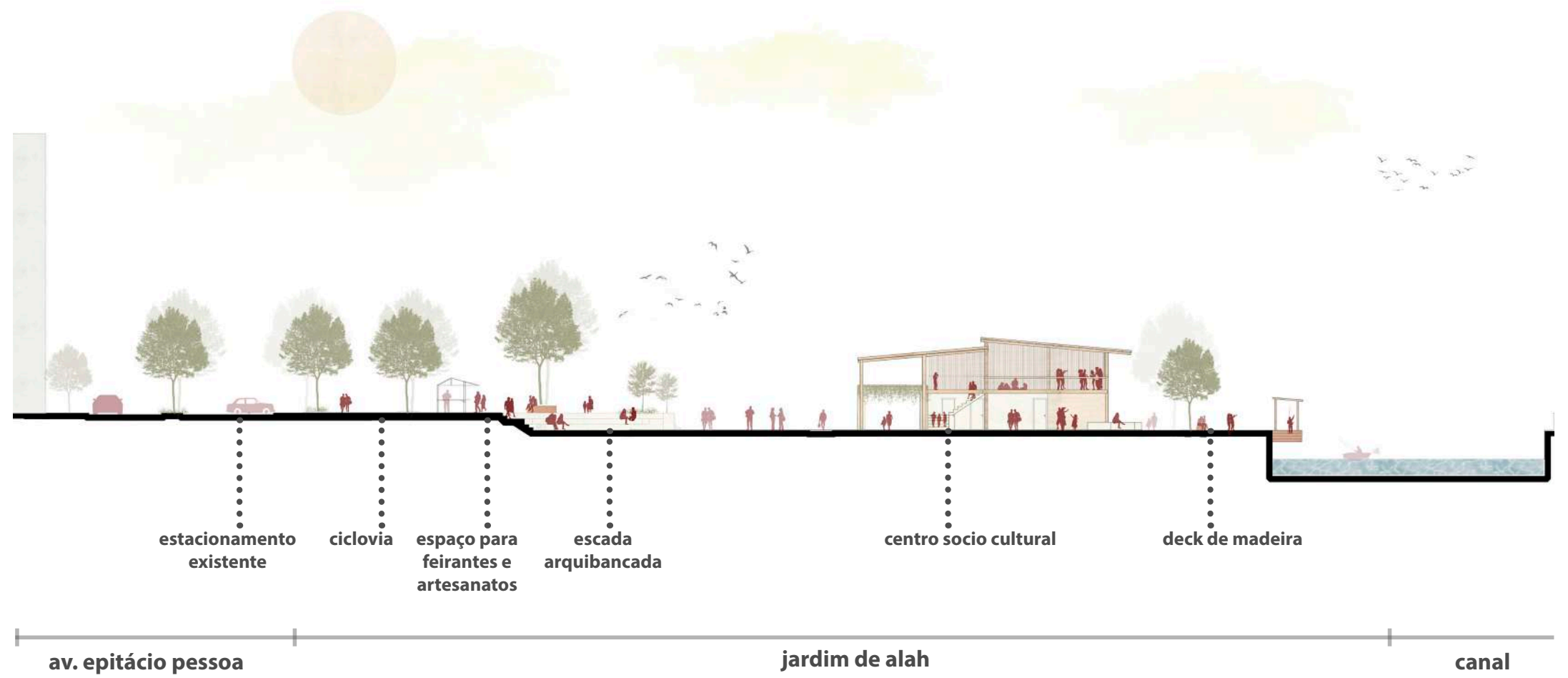
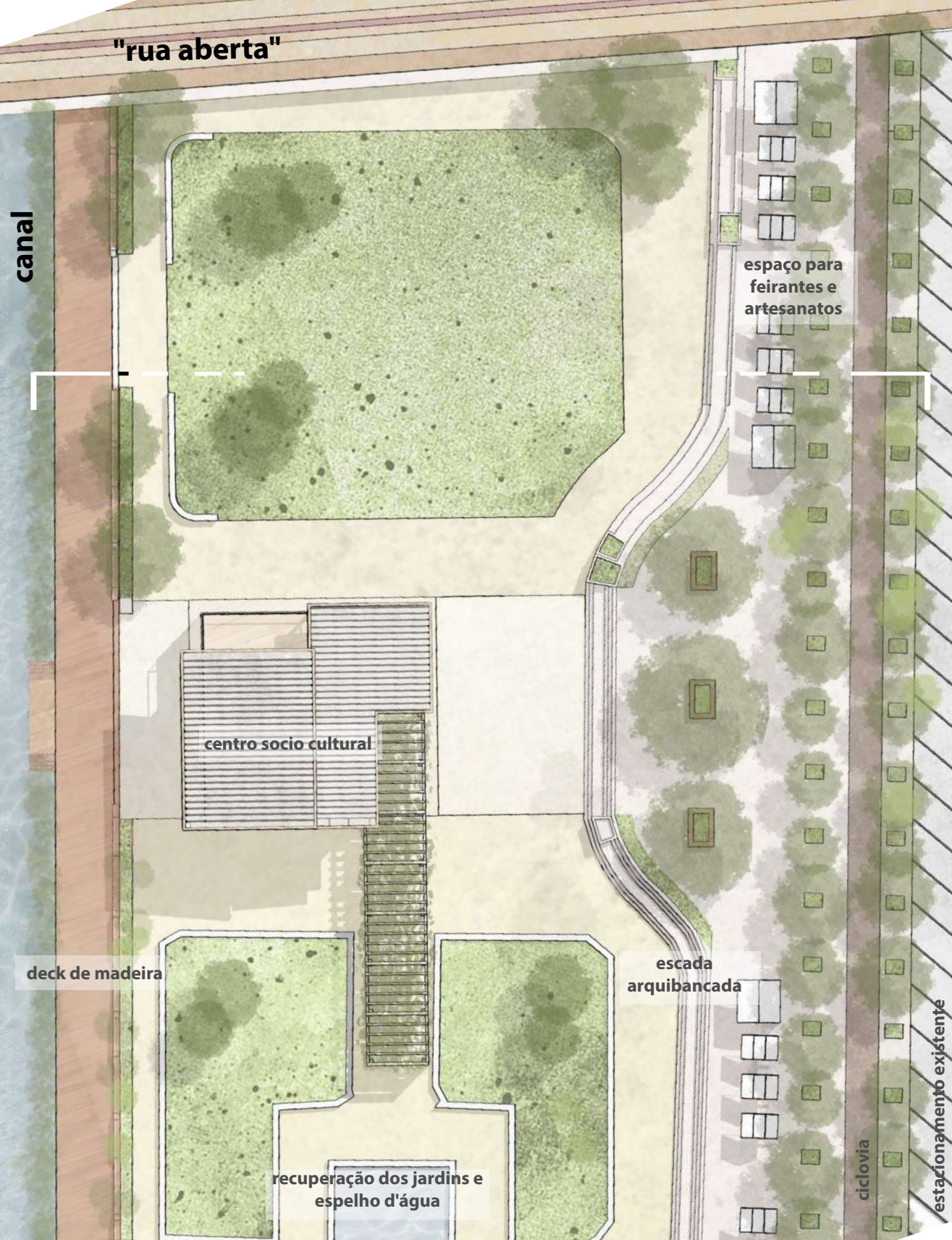
plano de massas



ampliação 03

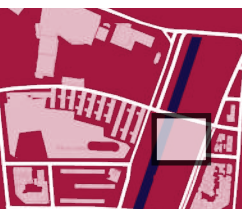
A área da praça entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e a Rua Humberto de Campos é voltada para práticas esportivas, onde moradores do bairro e alunos do projeto social Basquete Cruzada poderão utilizar quadras poliesportivas.





ampliação 04

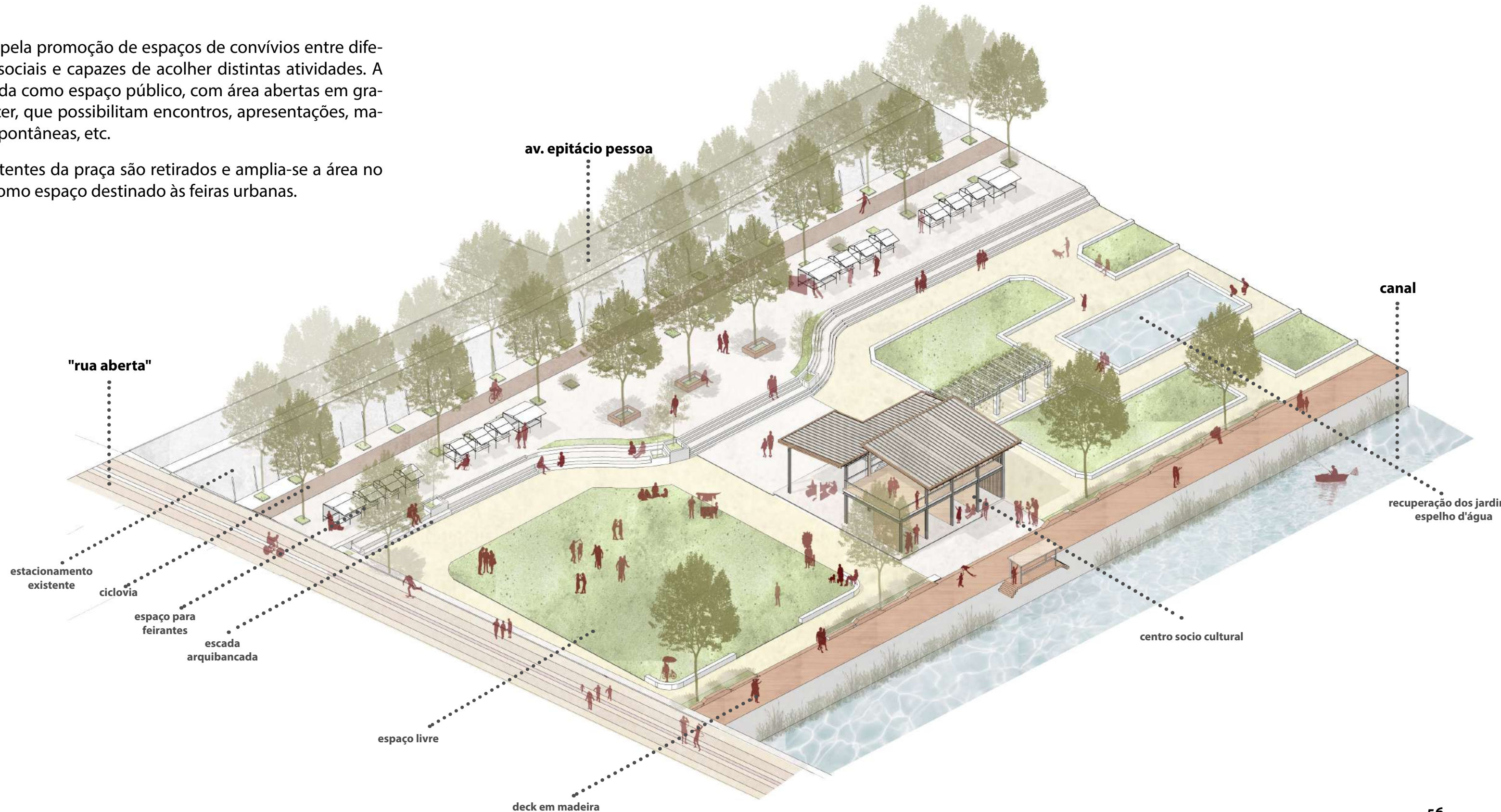
plano de massas



ampliação 04

Caracterizada pela promoção de espaços de convívios entre diferentes atores sociais e capazes de acolher distintas atividades. A praça é utilizada como espaço público, com áreas abertas em gramado para lazer, que possibilitam encontros, apresentações, manifestações espontâneas, etc.

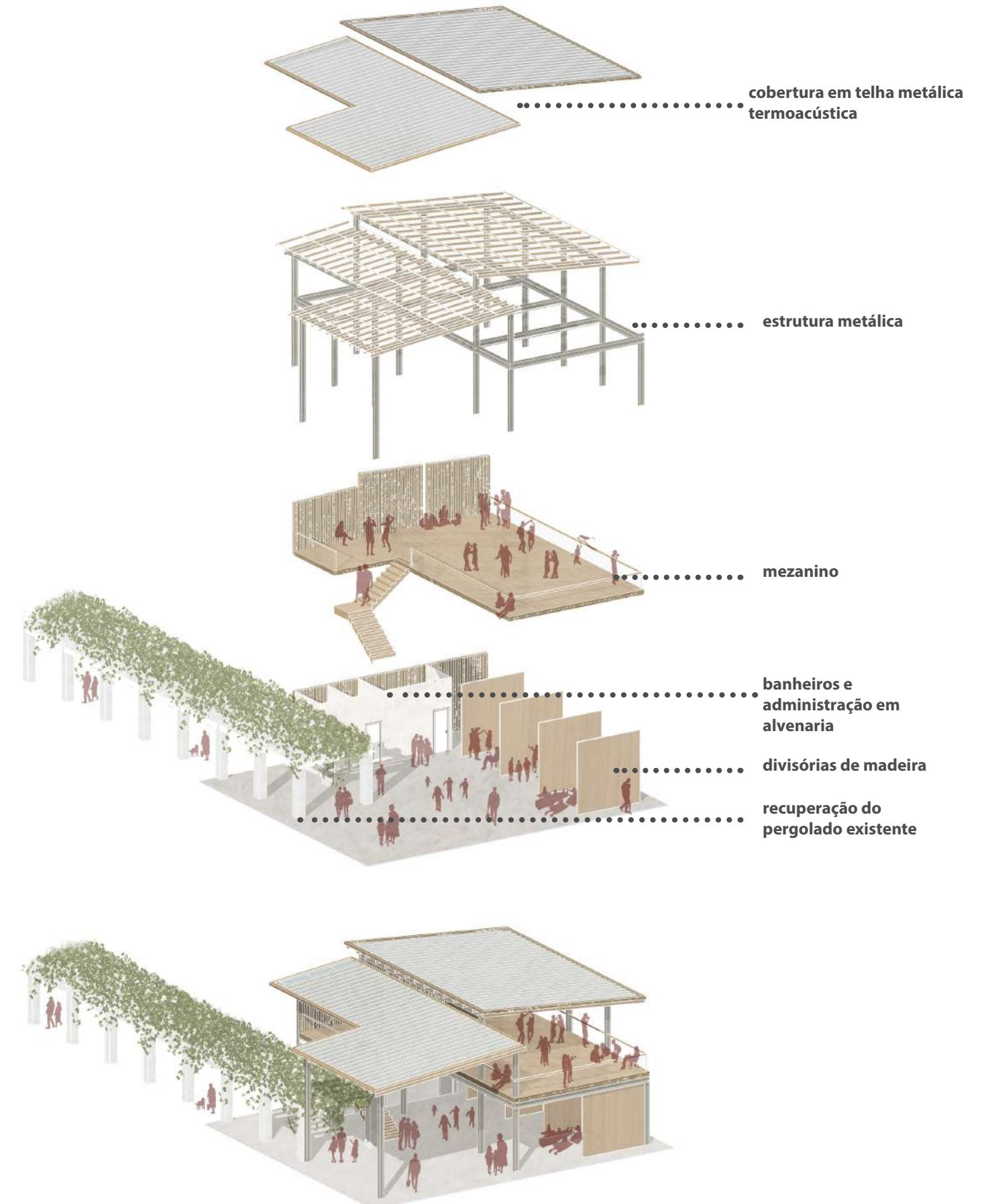
Os muros existentes da praça são retirados e amplia-se a área no nível da rua, como espaço destinado às feiras urbanas.

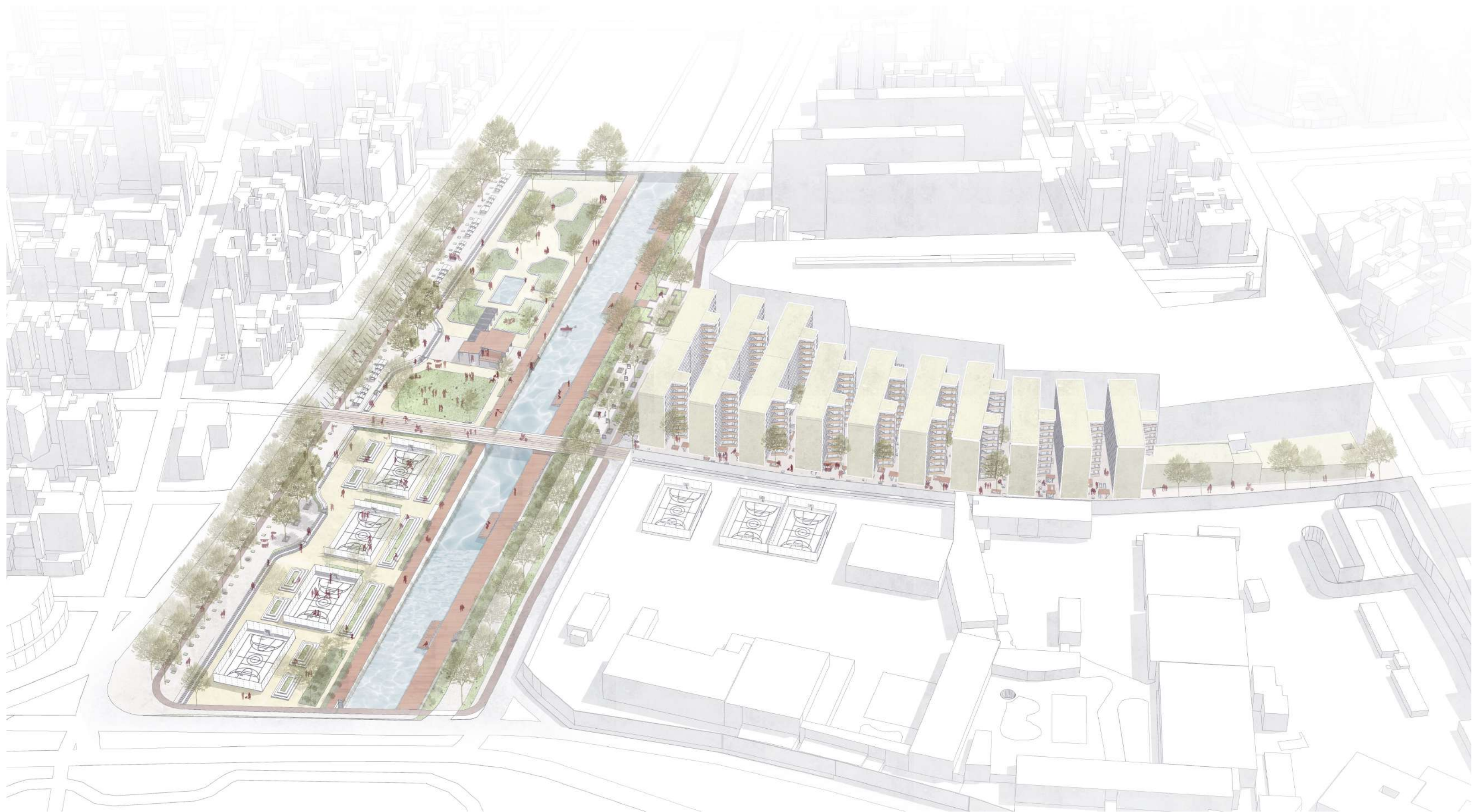


centro socio educativo

A ampliação 4 conta com espaço socio educativo aberto e permeável que procura engajar a comunidade e ampliar os projetos existentes da escola, paróquia e do conjunto.

Se localiza entre o gramado e a pérgola existente, e o térreo é composto por uma área livre, espaços para oficinas separados por divisórias em madeira e um módulo de banheiros e administração em alvenaria. O centro possui um mezanino, que permite um pé direito duplo na área livre, e sua estrutura é metálica com cobertura de duas águas em telha metálica termoacústica.





bibliografia

4

- AGUIAR, Douglas et. al. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.
- ALMEIDA, Ana Carolina Canegal de. **Fronteiras urbanas**: interpretações sobre a relação entre Cruzada São Sebastião e Leblon. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ARECHAGA, Valentin. Derecho al paisaje en el siglo XXI. (Des)articulación entre políticas de ciudad y cultura en la favela. VISIONI LATINOAMERICANA, v. XI, p. 103, 2019.
- BURGOS, Marcelo Baumann. **Dos parques proletários ao Favela-Bairro**: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. MB Burgos. Um século de favela 2, 25-60, 1998.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Cidade escassa e violência urbana**. IUPERJ: Rio de Janeiro, 1995. (Série Estudos, n 91).
- FERREIRA, Paulo Emílio Buarque. **Apropriação do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no centro de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes**: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006
- LIMA, Carlos Henrique de. **A cidade insurgente**: estratégias dos coletivos urbanos e vida pública. Arquiteturavista, São Paulo, v. 10, n. 1, p. p.31-36, 2014.
- MARINO, Cintia Elisa de Castro. **Cidade em festa, cidade em disputa**: ativismo e apropriação do espaço urbano em São Paulo no início do século XXI. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
- MILAGRES, Lígia Maria Xavier. **Entre o quintal e o parque**: possibilidades de produção do espaço público cotidiano. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.
- REYES, Paulo. Projeto por cenários: o território em foco. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2015
- SANTOS, Priscila Gonçalves. **Trama Urbana**: as disputas pelo espaço público nas intervenções de micro e pequena escala. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- SCHLEE, Monica Bahia et. al. **Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras**: Um Debate Conceitual. Paisagem Ambiente: ensaios, São Paulo, n. 26, p. 225-247, 2009.
- SLOB, B. **Do barraco para o apartamento**: A "humanização" e a "urbanização" de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Departamento de Estudos Latino-americanos, Universidade de Leiden, Niterói, dez. 2002.
- SILVA, Thaine Barbosa da. **A Cruzada São Sebastião e as Transformações**: Os efeitos da valorização imobiliária local. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Dissertação (mestrado) Instituto de Pesquisa e Planeja Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon**: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro. Tese. (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- OLIVEIRA, Tales Bohrer Lobosco Gonzaga de. **Como se faz uma favela**: práticas e cotidiano na produção do espaço urbano "periférico". Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - UFBA, Salvador, 2011.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon de. **Projeto Rio Cidade**: intervenção urbanística, planejamento urbano e restrição à cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/338.html>>
- PERPÉTUO, Maini de Oliveira. **Parque Beira Linha**: de espaço residual a espaço livre público. Ensaio projetual sobre linha férrea desativada em Belo Horizonte. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2018.
- Jornal do Brasil. Delegacia cadastra os moradores da Cruzada. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Jan 1974. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 07 de outubro de 2020.
- Jornal do Brasil. Na Cruzada São Sebastião moram os marginais que cometem 70% dos crimes na Z. sul. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Dez. 1973. Acesso em: 07 de outubro de 2020.
- Jornal do Brasil. Batida de 6 horas na Cruzada leva à delegacia 62 adultos e 40 menores. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Jan. 1974. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 07 de outubro de 2020.
- Jornal do Brasil. Delegado acha que presença de conjunto da Cruzada se choca com padrão do Leblon. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Dez. 1973. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 07 de outubro de 2020.
- Jornal do Brasil. Governo dos EUA acha que Rio não está tão perigoso. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Set. 1990. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 07 de outubro de 2020.
- O Globo. Traficantes da Cruzada São Sebastião, no Leblon, são presos. Rio de Janeiro. Jul. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/traficantes-da-cruzada-sao-sebastiao-no-leblon-sao-presos-23810773>>
- O Globo. Tiroreio na Cruzada São Sebastião, no Leblon, pode ter relação com guerra na Rocinha. Out. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/tiroreio-na-cruzada-sao-sebastiao-no-leblon-pode-ter-relacao-com-guerra-na-rocinha-21938505>>
- O Dia. Operação prende sete na comunidade Cruzada São Sebastião. Jul. 2019. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/07/5662131-operacao-da-civil-prende-sete-na-comunidade-cruzada-sao-sebastiao.html#foto=1>>